

LILLI ST. GERMAIN

GYPSY BROTHERS 1

SETE

Irmãos

TALONS



Sete Irmãos
Lili St. Germain
Série Gypsy Brothers 01

Sete Irmãos

Lili St. Germain
Série Gypsy Brothers 01

Meu pai não era certamente um homem inocente. Como líder da Gypsy Irmãos MC, ele era culpado de muitas coisas. Mas ele morreu por um crime que não cometeu, tramado por um inimigo interno que depois roubou seu clube e tudo o que ele trabalhou para proteger.

Incluindo a minha inocência.

Quando Dornan Ross incriminou meu pai, ele colocou em movimento uma série de eventos que nunca poderiam ser desfeitos. Meu pai foi assassinado por Dornan Ross e seus filhos, quando eu tinha quinze anos.

Antes de meu pai morrer, Dornan Ross e seus sete filhos roubaram minha inocência, marcando minha pele e ao fazê-lo, asseguraram que suas vidas seriam prematuramente interrompidas. Que sofreriam.

Acabei de completar vinte e um anos, e estou em busca de sangue. Estou em busca de vingança.

Mas eu não esperava me apaixonar por Jase, o irmão mais novo do clube.

Não esperava que ele fosse virar meu mundo de cabeça para baixo, arrancando meu coração fora do meu peito e indo embora no pôr do sol com ele.

Agora, sou confrontada com uma escolha impossível, Jase, ou vingar a morte do meu pai?

Traduzido e Revisado do Inglês

Envio do arquivo: Αίκη

Revisão Inicial: Cris Reinbold

Revisão Final: Leka

Formatação: Cleusa

Imagem: Élica

Talionis





Comentário Cris Reinbold: Uma mulher, uma vida interrompida, um pai roubado, uma amor ferido, uma paixão perdida...

Um coração, mordido pelo veneno, calado pela dor, clamando por um balsamo...

Uma vingança, matando aos poucos o coração, ferindo o âmago da mulher, gritando por liberdade...

Uma menina, que só queria ser... um dia feliz...

Comentário Leka: Era uma menina que teve sua vida transformada sem saber o porquê. Tudo mudou, perdeu seu pai, seu amor... O coração ferido só vê uma opção. A vingança!!! Não importa o que tenha que fazer...

Um

Às vezes eu não penso nisso por horas. Às vezes, um dia inteiro passa, e ele vai estar ali, sob a superfície, queimando minhas entranhas com a brutalidade de sua verdade. *Minha verdade.*

E vou chegar à casa do meu trabalho sem saída neste beco sem saída nessa porra de cidade no cu de Nebraska, e vou ter feito isso quase por meio de um dia inteiro de não pensar sobre isso, sobre meu pai e Dornan Ross e seus filhos.

Mas, então, vou fazer algo sem pensar, como me despir para ir para cama, ou entrar debaixo das cobertas. E vou ver as marcas, a marca no meu quadril direito sete linhas horizontais, cada uma empilhada em cima da outra, feitas pela ponta chanfrada de uma faca de açougueiro no fogo e, em seguida, pressionada em minha carne. Uma linha para Dornan Ross e uma linha para cada um de seus seis filhos mais velhos. Entalhes em um poste da cama. Cicatrizes por toda a vida, para que eu nunca possa esquecer. Algumas são mais espessas do que outras, algumas curtas e outras longas, mas cada uma um lembrete devastador de tudo o que tirou de mim naquela noite.





Sete Irmãos

Lili St. Germain
Série Gypsy Brothers 01

Mesmo se eu vestir minha roupa obsoleta para evitar ver minhas cicatrizes, eu ainda não posso escapar delas. Eu nunca durmo bem. Dou voltas na cama, hesitante e encharcada de suor, despertando de pesadelos onde me encontro e viro a faca para o lado afiado. Onde eles não apenas me marcaram, me cortaram até que eu estivesse morta, por isso não fui falar com a polícia. Sei das coisas, vejo. Sei coisas que a polícia não faz, álbis comprados e pontos de disposição do corpo, cerca de muitas meninas que desapareceram e vários homens que guardam muitos segredos.

Costumava desejar todos os dias e todas as noites esquecer meu pai assassino e que ele fez para nós. Não mais. Agora quero me lembrar de cada pequeno detalhe para que eu possa exigir a minha vingança.

Amanhã é diferente. Amanhã é meu vigésimo primeiro aniversário, o dia em que terei acesso a minha herança secreta. Centenas de milhares de dólares que meu pai conseguiu esconder antes de Dornan o incriminar pelo assassinato de um policial e sua família, um crime que Dornan e seu filho mais velho cometeram como retribuição por uma apreensão de drogas que quase limpou o clube. Pode ser dinheiro sujo, meu pai não estava acima de lavagem de dinheiro e fabricação de drogas, mas foi *era seu* dinheiro. Dornan conseguiu tomar o controle do resto quando ele promulgou sua traição devastadora.

Amanhã é verdadeiramente meu aniversário, para me tornar outra pessoa. Hoje meu nome é Juliette Portland, mas amanhã vou acordar como alguém completamente diferente.

Alguém que vai trazer Dornan Ross e o Gypsy Brothers Motorcycle Club de joelhos.

Dois

Eu nunca deixei o país antes, mas não estou preocupada. A noite do meu vigésimo primeiro aniversário, eu não festejei, mas cheguei à Tailândia depois de um voo longo e abarrotado dos EUA perdendo tempo, e já é de manhã em Bangkok. Viajei diretamente para o hospital onde vou ter meu procedimento, isto não é uma viagem de férias, depois de tudo. Não estou aqui para me divertir.

Estou aqui para renascer.

A equipe é eficiente e discreta. Estou internada e o cirurgião passa por cima das fotografias melhoradas por computador que mostram como vou parecer *depois*.





Antes da cirurgia, vou para o banheiro particular e me dispo. Tenho um momento de tristeza inesperada quando eu mesma me estudo uma última vez. Eu já colori o meu cabelo loiro para um castanho profundo, mas para, além disso, é assim que eu nasci. Eu pareço exatamente como minha mãe. Alta, magra, não curvilínea, olhos verdes. Um punhado de sardas aparece em meu nariz é a única coisa que tenho do meu pai, e um laser está prestes a queimá-las para sempre. Meu nariz, uma vez real e fino, agora está torto, graças a Dornan quando o quebrou há seis anos. Nunca curou adequadamente, e é a principal razão pela qual não suporto minha própria aparência.

Mas agora, aqui de pé assim, tão completamente nua e sozinha, eu derramo uma única lágrima. Pelo meu pai. Pela menina que eu costumava ser, que roubaram tudo.

Derramei uma lágrima, porque ela está prestes a morrer, seis anos depois de ter enganado a morte.

Limpo a lágrima e coloco minha bata de hospital azul, amarrada na parte de trás. Saindo do cubículo, entro na sala onde meus procedimentos serão realizados. Doze horas são tudo o que será necessário para fazer de mim uma pessoa completamente nova, um novo nariz, pele nova, facetas de porcelana sobre os dentes, maçãs do rosto mais cheias, e novos seios. Eu queria que eles removessem as cicatrizes no meu quadril, mas o tratamento a laser levaria meses para curar o tecido danificado pelas cicatrizes. Em vez disso, vou fazer uma tatuagem quando estiver de volta aos Estados Unidos.

Quando me deitei na mesa de cirurgia, uma enfermeira pairou sobre mim, uma máscara na mão. Antes que ela pudesse baixá-la, o médico fez movimento para ela esperar.

— Última chance, — ele me diz. — Tem certeza de que quer continuar com isso? — Ele é um excelente cirurgião, e pelo que descobri um homem de família. Embora ele seja asiático, ele me faz lembrar meu pai. Há uma bondade patriarcal em seus olhos que eu não vi em muito tempo.

— Positivo, — digo, apontando para a enfermeira para baixar a máscara.

— Você vai parecer bonita, — diz o cirurgião, e poucos momentos depois, tudo fica preto.

Leva duas semanas para me recuperar o suficiente da cirurgia, para me movimentar livremente, e um mês antes que eu me assemelhe a um ser humano normal. Eu gasto meu tempo à beira da piscina no hotel mais caro em Bangkok, com a participação de enfermeiros que verificam minha cura nas feridas e garçons que me servem bebidas com guarda-chuvas.

O tempo todo, fervo por dentro, da mesma forma que eu fervei nos últimos seis anos. O que nasceu como o medo e a dor há muito tempo já floresceu em ódio e raiva. Cinco semanas depois da minha cirurgia, volto para os EUA, chamo um táxi no LAX, e oriento o motorista para Venice Beach.





Finalmente, depois de seis longos anos, eu terei minha vingança.

É quente, e posso sentir gotas de suor começando a reunir entre meus novos seios. É engraçado, ainda estou me acostumando a realmente ter algo decente no meu peito. É tipo não poder dormir de frente, no entanto. Quando tudo isso acabar, vou definitivamente reduzi-los.

Por agora, sou um tamanho GG. Porque sei exatamente o que Dornan *Prez* Ross gosta, e são morenas com peitos grandes e pele bronzeada. Estou realmente surpresa que ele se incomodou em me estuprar antes. A minha velha eu definitivamente não era o tipo dele.

Eu estou à frente de Va Voom, a boate de strip-tease propriedade e gerida pelo clube, a poucos quarteirões do clube ciganos dos Brothers. Quando meu pai era vivo, Va Voom era realmente um clube burlesco de luxo. Nenhuma dança de colo. Não havia prostitutas nos fundos. Sem sujeira. Dornan mudou tudo isso depois que meu pai foi assassinado.

Empurro a porta abrindo, arrastando minha mala pequena atrás de mim. Ela contém tudo o que vou precisar para o meu show burlesco. Trajes, alguns adereços, minha maquiagem. Tenho dançando no meu quarto escuro em Nebraska, durante anos, praticando para este exato momento no tempo.

O clube é escuro e tem cheiro de cerveja velha misturada com perfume barato, com um tom de máquina de lavar louça. É quinta-feira. Vários funcionários do lugar ao redor do bar em uma das extremidades, e as mulheres atraentes em camisetas sem mangas e shorts praticando seus passos de dança e fofocando em cima do palco. O meio do lugar é deserto, e eu fico no centro da sala cavernosa, meu passado latejando na minha cabeça como uma ferida de bala escorrendo sangue. Olho de novo para o palco e lembro o que aconteceu há seis anos.

— *Vamos lá, querida, — Dornan ri, empurrando-me para dentro do círculo formado por seis de seus filhos. O mais velho, Chad, me pegou pelos ombros e me virou para que eu estivesse de frente para todos, menos ele.*

— *Bem, você não está parecendo muito bem, — Maxi, o terceiro irmão, disse, assobiando sua apreciação. Seus olhos correram para cima e para baixo do meu corpo e me encolhi, olhando para o chão. Ele estendeu a mão e me deu um tapa na bunda, fazendo-me uivar de surpresa. Estava apavorada. Eu tinha quinze anos.*

— *Você entende por que está aqui, querida? — Dornan me perguntou a malícia em seus olhos negros. Eu balancei minha cabeça, e voltei o olhar para o palco de madeira arranhado debaixo dos meus pés. Nunca estive aqui antes, sem o meu pai, e mesmo assim eu só estive aqui com ele depois que*





Sete Irmãos

Lili St. Germain
Série Gypsy Brothers 01

o clube foi fechado, se ele precisava pegar alguma coisa no escritório no andar de cima ou deixar um molho de chaves para quem estava em cima.

Havia uma câmera de vídeo na beira do palco, apontada para o círculo de homens. Senti o cheiro de seu suor e couro e lutei para não chorar.

Porque, mesmo que eu tivesse apenas quinze anos de idade e fosse uma virgem completa, eu sabia o que vinha a seguir.

Balancei minha cabeça.

Dornan riu e apertou meu queixo entre os dedos grossos, forçando minha cabeça. Ele apontou para a câmera e tirou uma lágrima do meu rosto pálido. Ele se inclinou para perto de modo que eu pudesse ouvi-lo.

— Diga Olá para a câmera, — ele sussurrou em meu ouvido. — Eu vou fazer de você uma estrela.

Faço a varredura do comprimento do bar, à procura de qualquer rosto familiar. Qualquer um dos irmãos Ross e seu pai bastardo. Não há ninguém que conheci há seis anos. Apenas um cara solitário, que parece ter a minha idade, limpando copos de cerveja atrás do balcão. Tomo um momento para apreciar os braços finos quando atravesso a sala. Ele é muito alto, bem mais de um e oitenta, e quente para caramba. Seus braços, ambos, apresentam tatuagens completas. Seu rosto é um estudo de contradições. Ele tem a sensualidade e coragem de um homem, com seus grandes olhos castanhos, grossos, as sobrancelhas bem em forma e pele em tons de verde-oliva. Seus lábios são cheios e grandes, e eu penso por uma fração de segundo como seria beijá-los. Ele cortou o cabelo castanho escuro raspado. Tudo isso é justaposto com o olhar em seus olhos que gritam *rapaz*, um olhar de inocência e ingenuidade.

Ele parece vagamente familiar, mas não estou preocupada que ele vá me reconhecer. Estudei os perfis de cada membro ativo do Club Gypsy Brothers MC Venice Beach e ele não tem destaque.

— Posso ajudá-la? — Diz ele, sua voz profunda como o mel e manteiga.

Esboço um sorriso falso e fico um pouco mais reta. Meus seios estão praticamente estourando para fora da minha pequena camisa, mas ele nem sequer dá um olhar superficial. Ele não parece ser gay, embora, por isso, talvez, ele seja apenas um cavalheiro.

— Estou procurando o Sr. Ross, — digo docemente, entregando as minhas palavras com um leve sotaque do sul. Um dos pontos altos da minha vida em uma merda nos últimos seis anos era ter





esse sotaque. Não quero correr o risco de alguém reconhecer a minha voz. — Eu tenho um teste.

— Espere aqui. — Ele se vira, dando a oportunidade de apreciar o seu traseiro e...

Meu coração congela por um segundo, quando vejo que ele tem o brasão da família cigana dos Brothers na parte de trás do pescoço. O emblema que está reservado exclusivamente para o presidente do clube, seus irmãos, e seus filhos.

Oh merda. Ele é...?

Meus piores temores se confirmaram quando ele para no topo das escadas que levam para o escritório e grita para a porta entreaberta, —Pop! Uma garota está aqui para vê-lo sobre um trabalho.

Claro, é ele. Jason Ross. Filho mais novo de Dornan. Eu quase sufoco quando me lembro da última vez que o vi.

O menino estava gritando. Dois de seus irmãos mais velhos, segurando firmemente enquanto ele lutava em vão contra eles.

— *Você vai ter a sua vez, meu filho?* — Dornan dirigiu seu filho mais novo. Jase estava apenas sob os cuidados de seu pai por um tempo muito curto, menos de um ano e ele lutou para se ajustar à forma de vida de MC após a morte de sua mãe. Todo mundo pensou que Dornan era o único a injetar a mãe de Jase uma overdose letal de heroína a mulher esteve limpa por dezesseis anos, desde que ela descobriu que estava grávida de Jason e deixou a vida do clube para criar seu filho na normalidade.

Lembro-me de deitar no chão, lascas cavando minhas costas nuas, desejando que eu pudesse morrer já. Dornan e seus seis filhos mais velhos deram algumas voltas, várias vezes e assim meu corpo estava perigosamente perto de ser fechado. Eu fui espancada há uma polegada de minha vida, e podia sentir o gosto de sangue na boca onde Dornan quebrou meu nariz, e estava pulsando tão mal entre as minhas pernas parecendo que alguém estava tentando me rasgar ao meio.

Eu nunca fui à segunda base antes. Foi uma forma horrível e devastadora para perder minha virgindade, para tê-la roubada.

Vi através dos cílios incrustados de sangue como a cara de bebê de Jase lutou contra seu pai, assim como ele sabia que iria pagar caro por isso.

— *Por favor, Pop, por favor, não, eles estão machucando-a, por favor, pare, pare, pare, pare!*

— *Vamos, filho,* — Dornan rosnou, e eu ouvi o clique de uma arma sendo engatilhada. — *Seja um homem.*

Oh Deus, eu me lembro de pensar. É isso. Eles vão me matar.

Eu teria sentido pena de Jason, se não estivesse perto de desmaiar de dor.





Eu soluçava quando algo frio e metálico foi forçado entre os meus dentes batendo. Dornan tinha sua arma na minha boca.

Eu encolhi em antecipação. Isso foi tudo. Ele ia atirar em mim, e eu ia morrer.

— É melhor você colocar seu pinto para fora e foder essa vadia, ou eu vou matá-la. Você entende meu filho?

Eu estava ouvindo, mas estava flutuando para longe ao mesmo tempo. Pequenas manchas brancas começaram a aparecer na minha visão quando a dor insuportável começou a recuar.

Jase investiu contra seu pai e ouvi um estrondo, seguido por uma briga e gritaria. Estava ficando difícil de ouvir, no entanto. Tudo foi ficando branco e flutuou para longe em que a brancura aliviada por finalmente estar chegando aos momentos finais do meu sofrimento.

— Pop, — ouvi dizer Chad. — Pop!

— O quê? — Dornan rugiu.

— Acho que ela está morrendo.

— Merda — mãos ásperas sacudiram meu corpo, e não havia palavrões e empurrões quando fui pega e levada.

O mundo ficou branco, e então ele ficou escuro quando mergulhei pacificamente à distância.

Quando acordei, o mundo não era branco, mas um bege deprimente. A dor subia e me socava forte no estômago, me enrolando. Tentei sentar e falhei miseravelmente. Algumas das minhas costelas estavam definitivamente quebradas.

Senti uma mão quente na minha e olhei ao meu lado, esperando ver minha mãe. Em vez disso, vi um pesadelo quando acordei.

Um grito morreu na minha garganta enquanto Dornan fez um gesto com um dedo nos lábios para eu ficar em silêncio. Nunca sequer considerei desafiá-lo, eu estava tão terrivelmente com medo.

— A polícia gostaria de falar com você, — disse Dornan gravemente. — Eu disse a eles que minha querida sobrinha ia precisar de algum tempo a sós com a família em primeiro lugar. — Olhei para ele, incrédula, revoltada com o que ele estava querendo dizer. Tio Dornan, posando como um maldito herói na ausência do meu pai.

Tentei arrancar minha mão, mas ele apertou com mais força, cortando a circulação e forçando um suspiro de mim.

— O que você vai dizer a eles, Julie, baby?

Caí contra a cama, derrotada. —Nada.





— *Eu não ouvi.*

— *Nada, — eu disse um pouco mais alto, e levei minha mão para trás enquanto ele soltava.*

— *Bom, — disse ele, levantando-se e endireitando seu casaco de couro. — Eu odiaria ter que fazer a sua mãe o que fizemos a você.*

Eu me encolhi com sua ameaça não tão sutil e estremecei quando ele deu um beijo na minha testa. — Não aja como vítima, — sussurrou em meu ouvido. — Eu sei que você adorou.

Ele engessou um sorriso falso jogou um buquê de flores na cama ao meu lado, e saiu do quarto.

Foi à última vez que o vi.

E, ironicamente, a única coisa que queimou em mim mais, mais do que a traição, foi o raciocínio. Eu queria saber o porquê. Mas, então, Dornan matou meu pai dois dias depois, atirou na cabeça à queima-roupa com uma espingarda. Estourou a cabeça.

Depois disso, depois de Elliot me dizer que meu pai estava morto, parei de perguntar por que.

Jase voltou a descer as escadas, de dois em dois, como se estivesse com pressa para se afastar do escritório. Ele voltou ao seu lugar atrás do balcão e pegou o pano de polimento. — *Ele vai vir em breve. — Eu não respondi imediatamente, e ele olhou para mim por baixo desses cílios pretos lindos que usei para provocá-lo. Eu devo parecer terrível, porque ele sacode a cabeça e franze a testa.*

— *Você está bem?*

Eu aceno com a cabeça lentamente, segurando o balcão com as duas mãos.

— *Tem certeza? — Ele levanta a seção de corte do balcão do bar e dá a volta onde um copo de água gelada aparece em sua mão como que por magia.*

— *Parece que você está prestes a desmaiar, — diz ele, colocando a água em uma montanha de papelão na minha frente. Ele traz um banquinho de bar e coloca atrás de mim.*

Tomo a água e a sede vai embora com gratidão, todo o meu corpo de repente dolorido e cansado.

Você sabia que havia uma chance de que iria vê-lo. Sabia que isso era parte do acordo.

Dou de ombros e tomo um gole de água, tentando me recompor. Se o meu plano vai funcionar, eu tenho que mantê-lo junto.

— *Deve ser o sol, — disse, sorrindo inocentemente. — Não estou acostumada a esse calor. — Espero que ele não me pergunte de onde eu sou. Nebraska é ainda mais quente do que na Califórnia. Eu sinto que minha história já começava a desabar sob o peso da trapaça.*





— Bem, vá com calma, — diz ele, voltando para o seu lado do bar.

— Obrigada, — digo humildemente, as palavras amargas com gosto de mentiras sobre minha língua.

Dornan aparece pouco tempo depois no topo das escadas, assobiando alto. — Vamos lá para cima, — diz ele, acenando para seu escritório. Olho em volta, sem saber se ele está mesmo falando comigo.

— Sim, você. Apresse-se, eu não tenho todo o maldito dia. — Ele desaparece passando à porta e eu escorrego do meu banquinho. Respiro profundamente. Este é o meu momento da verdade.

Está é minha chance para ter Dornan e trazer essa família filha da puta aos seus joelhos quebrados.

Três

Ele é de alguma forma menos assustador do que me lembro, e tenho que me lembrar de que sou mais alta e mais forte do que era quando tinha quinze anos. Naquela época, eu ainda era muito jovem. Além disso estou usando saltos ridículos que me faz ainda mais alta. Dornan senta atrás de uma mesa, a do meu pai, um velho balcão e peneira através papelada, aparentemente alheio ao fato de que eu estou lá. Uso o tempo para olhar ao meu redor. Nada de especial uma mesa comum, um vaso de plantas mortas, alguns armários altos de metal por trás da mesa. O único item que parece caro é a pintura na parede, uma cena de praia, que parece que é do Havaí ou em algum lugar igualmente belo. Ele não se encaixa com a sala em nada, e me pergunto se pertenceu ao meu pai.

— Olhando para o cofre, querida?

Volto minha atenção de volta para Dornan, que está sorrindo enquanto bate números em uma calculadora com seus dedos longos e grossos.

— Olhando para o palco, — digo, tentando aliviar o clima. Todo o meu plano depende dele me contratar como dançarina para o clube. Se ele não fizer, vou ter que ir para o plano B. Não que tenha pensado ainda.

Ele se inclina para trás em sua cadeira e me examina corretamente pela primeira vez. Espero pacientemente, sabendo que marquei todas suas exigências, morena, peitões bronzeados e jovens o





suficiente para foder e empregar sem ficar preso por empregar uma menor no clube. Fecho meus cílios e estudo seu rosto. Ele é mais velho agora, mas ainda carrega as características fortes que fizeram cada um de seus sete filhos inconfundivelmente seu. Ele não teve filhas, e só poderia ser um pequeno destino misericordioso.

— Qual é seu nome, querida? — Ele pergunta, finalmente, aparentemente satisfeito com a minha aparência. Ele ainda é tão descaradamente atraente como era há seis anos. Cabelo preto. Largos lábios sensuais. Três dias de barba em seu rosto que o faz parecer rígido e resistente, mas não tão pouco atraente. Meu estômago afunda quando percebo que eu estava errada, que ele e Jase são realmente impressionantemente similares na aparência.

— Astrid, — respondo, sentindo como se meu coração estivesse prestes a bater fora do meu peito.

— Não é o seu nome artístico, — diz ele, parece irritado. — O seu nome real.

— Samantha. Sammi.

Ele parece impressionado. — Você tem vinte e um?

Concordo com a cabeça. — Vinte e dois, na verdade.

— Você tem a identificação para provar isso?

Concordo com a cabeça, deslizando minha identidade falsa para fora do meu bolso de trás e entreguei a ele. Luto contra a vontade de fugir com os meus dedos passando contra ele.

Ele se recosta na cadeira e estuda o pequeno cartão retangular. Eu sei que ele está à procura de sinais que é falso. Ele mantém na luz, levanta a palma da mão, e raspa a unha do polegar ao longo da borda.

— É verdade, — digo. Ele não responde.

— Como você disse que era seu nome?

— Sammi. Samantha Peyton.

— Dois primeiros nomes? — Diz ele com ar de dúvida. — Quem tem dois nomes?

Sorriso. — Eu não sei Sr. *Ross*. É um pouco estranho.

Ele sorri a coisa mais próxima de um sorriso, ele está rachado desde que ele me disse para subir.

— Bem, Sammi dois primeiros nomes de Peyton, que tipo de trabalho você está procurando?

Não posso acreditar que estou dizendo isso. — Que tipo de trabalho você quer que eu faça?

Ele deixa cair o sorriso. — Sou um homem muito ocupado. Vamos direto ao assunto. Você dança?





Concordo com a cabeça.

— Você pode fazer danças particulares?

Concordo com a cabeça.

— Você pode fazer qualquer outra coisa que a distingue das outras centenas de meninas que vêm aqui a cada semana à procura de um emprego?

Sorrio maliciosamente. — Eu posso deslocar meu maxilar por isso a minha boca se abre verdadeiro grande.

Ele ri e dá um tapa na mesa em frente a ele, enviando os documentos sobre a lateral.

— Eu gosto de você, — ele decide. — Então, por que está aqui? Quer dizer, tenho certeza que você sabe sobre nossa... reputação.

Tento ter uma aparência jovem e indefesa. —Acabei de sair de um relacionamento ruim—, digo. — Venho do Texas. Eu poderia usar a proteção que você oferece a seus funcionários.

Ele suga o lábio, ponderando que acabou de ouvir.

— Seu ex— diz. — É membro de qualquer moto clube rival? Um policial? Ligação com alguém que eu deveria estar ciente?

Balancei minha cabeça. — Não.

— Você está certa sobre isso?

Concordo com a cabeça. —Sim. Ele é só um idiota que pensa que é meu dono.

Ele balança a cabeça, aparentemente satisfeito com o meu ato. —Você quer dançar primeiro ou transar? — Ele pergunta, casualmente.

Sorrio de orelha a orelha, porque estou dentro e sei disso.

— Sr. Ross, — digo, inclinando sobre a mesa para que meus seios estejam a centímetros do seu rosto, —depois que eu te foder, não importa o quanto eu danço bem.

Dornan desliza por mim quando fecha e tranca a porta, certificando-se de passar seu pau duro contra a minha bunda enquanto ele aperta passando. Há espaço de sobra atrás de mim e isso é completamente desnecessário que ele ainda precise me tocar quando passa, mas obviamente ele sente a necessidade de afirmar o seu domínio sobre mim. Ele está por trás, enquanto eu encaro a mesa e posso sentir seu hálito quente no meu ombro.

— Vire-se, — ele ordena, e eu faço. Ele está tão perto de mim, posso sentir o calor irradiando na sala já abafada. Suas pupilas estão dilatadas e ele está claramente animado.

— Camisa, — ele ordena, e eu me obrigo, chicoteando sobre a minha cabeça para que eu esteja



vestindo nada além de meu short minúsculo e um pedaço de renda que custou muito mais do que um sutiã desse tamanho deveria. Abri meu sutiã e deixei cair no chão entre nós.

— Bom — diz ele, colocando um seio em cada mão. — Não é real, apesar de tudo.

Dou de ombros. — Eu duvido que qualquer uma das suas dançarinas tenham peitos reais.

Ele sorriu, e eu tremo por dentro. *Eu vou fazer de você uma estrela.*

—Shorts, — diz ele, puxando o jeans gasto que abraça minhas coxas. É neste momento que eu entro em pânico.

Oh, foda-se.

Meu quadril ossudo. As cicatrizes. Eu realmente não esperava ter que estragar aqui no escritório, hoje não. Esperava entrar, falar de negócios, e voltar para a audição à noite, quando o palco estivesse montado para o resto das dançarinas. Eu sei o que vai acontecer se ele ver.

Ele vai me matar.

E isso vai ser tudo para nada.

Ele pode ver minha hesitação e dá passos para trás.

— Você tem certeza que pode lidar com esse tipo de trabalho? — Ele pergunta obviamente impressionado.

Sorrio com força. — Claro. Eu só não esperava que fosse hoje.

— Vai foder melhor na próxima semana? — Pergunta ele, impaciente.

— Não, — digo rapidamente. Eu me viro, saindo de meu short e calcinha para que ficar completamente nua, e coloco as palmas das mãos contra a mesa plana. Eu viro minha cabeça para ver Dornan observando com o que parece ser uma mistura de desejo e intriga.

—Estava pensando, — Dou de ombros, piscando um sorriso malicioso: — Eu deveria mostrar o meu melhor material em linha reta fora do bastão.

Ele ri e dá um tapa em minha bunda com a mão aberta, apertando um punhado de carne.

Ele se inclina para perto do meu ouvido, puxando um punhado de meu cabelo marrom longo, forçando minha cabeça para trás. —O que você quer de mim? — Ele pergunta em voz baixa.

Penso em como ele arruinou a minha vida, como ele tirou o meu pai de mim, quando ele roubou a minha virgindade e compartilhou com seu igualmente doente filho bastardo. Penso nos últimos seis anos, de ficar escondida, de temer pela minha vida, e levanto meu queixo quadrado.

Eu quero fazer você sofrer.

— Eu quero que você me faça uma estrela, — digo docemente. *Eu quero enterrá-lo vivo*





assassino babaca.

Ele sorri. — Agora *eu* posso fazer.

Dirijo-me de volta para a mesa e tomo uma respiração profunda.

— Bem, vamos lá, então, — digo, moendo contra sua dureza. — Antes que eu mude de ideia.

Ouçõ um zíper, e sinto seus dedos enquanto exploram minha boceta. — Você não consegue mudar sua mente comigo.

Aperto meus olhos fechados e mordo meu lábio, degustando de sangue quando ele cospe em sua mão, usando para lubrificar seu pênis. Fico tensa quando eu sinto a ponta do seu eixo apertar contra a minha abertura.

Gemo de dor quando ele enfia seu pênis profundamente dentro da minha bunda e geme alto.

— Pensei que você gostasse desta maneira, meu amor, — diz ele, suas bolas batendo contra a pele quando ele ganha velocidade com seus golpes. Cada vez que ele puxa para fora, ele empurra para trás com tanta força, que eu quero chorar.

— Eu amo isso, — sussurro, odiando cada segundo.

Esforço-me para manter o ato, grata que ele não fosse ver a minhas cicatrizes, e prometi fazer uma tatuagem para cobrir minhas cicatrizes estúpidas, sendo a primeira coisa amanhã de manhã.

Suspiro, pois sinto o toque de seu dedo contra meu clitóris, e apesar do meu ódio, meu corpo traidor responde, derretendo como manteiga ao sol do meio-dia. Eu respiro enquanto ele continua a me dar prazer, e sinto o meu desgaste na resistência interna e enfraqueço com cada redemoinho de seu dedo. Minha bunda é um cataclismo de prazer e dor, e do jeito que ele está vibrando com os dedos contra o meu clitóris está me fazendo perigosamente perto de gozar.

Estou indefesa contra suas mãos hábeis quando ele me leva ao cume do clímax, uma guerra amarga travando dentro de mim.

Porque ele não deve se sentir tão bem.

Lamento, grudo meus quadris contra o dele quando meu corpo me trai completamente, ávido pelo clímax, ansioso para o lançamento.

— Baby, — Dornan geme quando eu explodo em milhões de pedaços debaixo de seus dedos ágeis. Isso deve transformá-lo, porque, assim como o meu núcleo eu gozo, Dornan puxa para fora de mim, fica completamente imóvel por um momento, e depois geme *aquele* gemido, empurrando meu rosto contra a mesa e derramando esperma quente em toda a minha parte inferior das costas.

Eu me forço a ficar perfeitamente imóvel, minhas pernas tremendo um pouco, porque estive na



ponta dos pés, meu rosto pressionado contra a mesa, porque se eu não fizer isso, vou gritar. Eu vou gritar e arranhar os olhos e tentar arrancá-los fora.

E não posso. Não posso simplesmente acabar com tudo, especialmente agora que eu o deixei entrar em mim novamente.

Ele sopra, recuperando o fôlego, as mãos ainda soltas em torno de meus quadris. Inclino-me desajeitadamente sobre a mesa, consciente de que se eu ficar em pé vou fazer uma bagunça no chão. Dornan pega uma caixa de lenços sobre a mesa e limpa o líquido pegajoso da minha pele.

— Obrigada, — murmuro, virando para encará-lo, meu braço precariamente cobrindo meu quadril. Ele definitivamente parece mais relaxado do que quando cheguei, mas ele parece cansado, também. Muitas noitadas. Muito sangue em suas mãos. Muitas vidas inocentes, terminando a sua vontade.

Ele acaricia meus seios, aparentemente distraídos. Quero afastá-lo, para pegar o abridor de cartas de prata de sua mesa e jogá-lo direto no brasão da família na parte de trás do pescoço.

— Você pode se limpar lá, — diz ele, apontando para o banheiro que fica ao lado do escritório. — Tome um banho, se quiser.

Eu vou tomar um banho. O mais quente para a água queimar o seu toque da minha pele.

— Vou ser rápida, — digo alto entrando no banheiro com a minha roupa ainda sobre meu torso, cobrindo minhas cicatrizes. Fecho a porta, lutando uma batalha interna se eu deveria trancar a porta ou não. No final, eu não faço, mas puxo meu short de imediato, sem me preocupar com o chuveiro. Imediatamente me sinto melhor quando eles estão fechados e a carne marcada no meu osso ilíaco é coberta. Pego uma toalha da prateleira e coloco debaixo da torneira até que a água esteja quente, adicionando um esguicho de sabão no material. Lavo minhas costas o melhor que posso. Eu só preciso estar apresentável o suficiente para voltar para o meu hotel antes de me dar queimaduras de terceiro grau na privacidade de meu próprio chuveiro.

Coloquei meu sutiã e camiseta para trás e olho para mim mesma no espelho grande que paira sobre a pia.

Uma completa estranha olha de volta para mim, tão diferente que eu não iria reconhecê-la como eu. Juliette tinha cabelos na altura dos ombros loiro, pele clara e olhos verdes. A garota que estou olhando tem cabelo castanho escuro que desliza até sua bunda, graças à megahair, pele bronzeada, graças há horas deitadas em uma cama de bronzeamento, e olhos azuis escuros que ainda refletem o menor indício de avelã que as lentes de contato podem ocultar.





Sinto falta de ser Juliette. Mas me sinto revigorada pela minha nova aparência ao mesmo tempo. O anonimato que me dá é algo que subestimei quando o Dr. Lee e eu estávamos conversando sobre meus planos de modificações cirúrgicas. Estou em uma adrenalina alta, tendo apenas transado com Dornan, minha bunda está latejando, mas meu espírito está exultante.

Eu fiz isso. Porra, eu fiz isso. Eu o enganei.

Ele não tem ideia de quem eu sou.

Quatro

Quando saio do banheiro, Dornan está de volta atrás de sua mesa, como se nada tivesse acontecido.

— Então, — digo, como se eu já não soubesse. — Será que consegui o emprego?

Ele apunhala o ar com sua caneta, gesticulando para eu sentar. Arrasto o banquinho de metal de baixo da mesa, a mesa que nós apenas fodemos pela frente e sento minha bunda latejando.

— Você usa drogas? — Dornan pergunta. — Bebe? Qual é a sua?

Dou de ombros. — Eu sou o tipo chata, na verdade.

Dornan sorri conscientemente, e pisca os dentes retos. Ele e seus filhos podem ser ásperos e tatuados, mas todos eles têm dentes incrivelmente retos, brancos.

— Bem, — eu disse, mudando desconfortavelmente no meu lugar, — Faço um monte de sexo com um monte de pessoas diferentes. Isso poderia ser um problema?

Seu sorriso se estende tão grande que acho que seu rosto pode quebrar sob o peso. — Eu não vejo isso como um problema, não.

— Tenho outro problema, — digo, olhando para o chão. — Quero dizer, eu acabei de chegar do Texas, eu não conheço ninguém... Vou ficar no albergue de mochileiros alguns quarteirões de distância, mas vou ficar sem dinheiro em breve.

Ele balança a cabeça. — Você precisa de dinheiro?

Balancei minha cabeça. — Não levo dinheiro a menos que eu ganhe. Eu só preciso de um lugar para ficar..., algumas semanas, no máximo.

Diga Dornan. Venha e porra me diga.





— Isso não é um problema, — diz ele, acenando com a mão com desdém. — Você vai ficar no clube. Há vários quartos extras. Você vai ter que assinar uma declaração de não divulgação e concordar em não falar com ninguém sobre o que acontece lá, é claro.

Certeiro, linha reta e chumbado. *Otário.*

— O que se passa lá? — Digo, meus olhos como os do Bambi tão grande quanto eu posso esticá-los.

— Baby, — ele responde, de forma clara alta e feliz por sua sorte hoje. — Por que você apenas vê por si mesma?

Ele escreve o endereço na parte de trás de um cartão de visita e entrega para mim, deixando seus dedos passarem contra os meus novamente. Vejo o olhar vidrado em seus olhos e uma pequena explosão de adrenalina jorra em meu estômago enquanto eu percebo que ele está muito tomado por Samantha Peyton.

— Aqui, — diz ele, entregando-me um rolo de cinquenta dólares. Há provavelmente cocaína sobre elas. — Arranja algumas roupas bonitas. Porra, eu gosto desse short, mas você tem que usar algo um pouco mais sofisticado, se você vai trabalhar aqui.

Rio de mim mesma, pensando que ele ainda mantém o seu clube a uma alta estima, mesmo ele indo de um clube burlesco artístico a um clube de strip e prostíbulo.

O celular sobre a mesa vibra e ele me dá uma última olhada para cima e para baixo. — Tenho que atender. Vá às compras, compre algumas coisas bonitas para vestir, e vou vê-la aqui, — ele aponta para o endereço no cartão de visita, — hoje à noite. Esteja lá às oito. Nós vamos passar por cima de tudo, então.

Sorrio de forma ampla e ofereço minha mão. Ele olha para ela, segura, e me puxa do outro lado da mesa. Sinto seus lábios nos meus, e a única coisa que posso fazer é responder. Ele é um bom beijador, embora a sensação de sua língua quente na minha boca me faz querer apertar os dentes e morde-lo.

Ele se afasta e me deixa ir.

— Acho que é um pouco mais apropriado do que apertar as mãos, você não acha?

Rio, lambendo meus lábios. — Sim, senhor.

O telefone continua a zumbir com raiva. — Oito, — diz ele, atendendo ao telefone e segurando ao ouvido. — Agora coloque seu pedaço de bunda para fora daqui antes que eu passe o meu dia inteiro transando com ele. — Ele começa a latir coisas no telefone e eu recuo, pego minha mala de rodinha,





ando o mais rápido e silenciosamente que posso descendo as escadas.

Eu passo por Jase, que ainda está polindo copos de cerveja, mas eu não faço contato visual. Estou quase no conjunto de portas, onde eu posso ir lá fora e encher meus pulmões com o ar fresco antes de eu ter um colapso completo, quando ele fala logo atrás de mim.

— Você conseguiu o trabalho?

Dirijo-me lentamente, com vergonha que ele tenha que olhar para mim desse jeito. Como uma prostituta. — Sim, — respondo em voz baixa. — Consegui o emprego.

Jase olha intrigado, e eu tenho que saber se ele sente alguma coisa por mim. Sobre nós. Afinal de contas, eu posso ser Samantha agora, mas antes disso eu era Juliette, a primeira garota que ele amou.

— Qual o seu nome? — Ele pergunta-me, colocando uma bandeja de copos em uma mesa entre nós.

Julz! Não toque nela! Afaste-se dela! Juliette!

Dirijo-me, engolindo de volta uma vida inteira de lágrimas e sorriso para ele. — Samantha. Você pode me chamar de Sammi.

Ele balança a cabeça. — Bem, vejo você de volta, Sammi.

— Sim, — digo, e de repente a minha tristeza é tão pesada, tenho medo que eu possa entrar em colapso no chão na frente dele. Mas eu não faço. Engulo o nó duro na minha garganta e volto para sair. — Vejo você depois.

Quando roubo um olhar sobre meu ombro enquanto estou empurrando as pesadas portas abertas, ele ainda está me observando.

Cinco

Eu quase não consigo sair de LA viva.

Se não fosse por Elliot me contrabandear para fora da cidade e arrumar um lugar para viver em Nebraska, eu teria sido morta naquela mesma noite deitada no hospital, ferida e sangrando. O segundo filho de Dornan, Donny, foi em seu caminho de volta para o hospital para injetar uma dose letal de heroína em minhas veias enquanto Elliot estava me interrogando.

— *Quem fez isso com você?* — Perguntou o jovem policial baixinho. Olhei para o espaço,





incapaz de formar palavras.

— Eu prefiro ficar viva, — eu disse finalmente, balançando a cabeça.

Ele inclinou-se e sussurrou para mim, tão perto que quase podia saborear o café em seu hálito.

— Foi Dornan Ross, não foi?

O medo saltou para os meus olhos por confirmar suas suspeitas.

— Eu acho que eles estão planejando matá-la se você me disser ou não, — disse ele com urgência. — Eles tem andado em torno de seu quarto durante toda à tarde, à espera que eu vá embora.

Todo o meu corpo dolorido endureceu, e meu coração começou a bater tão rápido, pensei que iria explodir no meu peito e banhar as paredes beges em uma chuva de vermelho.

Elliot olhou para o pequeno carro no canto da sala que estava destinado para a lavagem. Ele levantou a tampa e olhou para dentro, puxando um conjunto manchado de sangue do avental hospitalar verde com as pontas dos dedos. Rapidamente e eficientemente despojado de sua cueca, que teria sido completamente traumatizante para mim se eu não acreditasse que ele estava tentando ajudar. Arrastou as roupas verdes sobre sua cabeça e pulou ao redor, tentando puxar a calça, o mais rapidamente possível.

Ele voltou para a cama e tirou meu IV. Eu tinha um saco de morfina anexado ao saco de soro fisiológico principal, e um pequeno botão que eu poderia pressionar para pedir um novo toque de alívio da dor a cada quinze minutos.

Elliot manteve pressionado o botão, entregando a dose máxima possível, e quase imediatamente eu me senti flutuante e anestesiada.

— Olhe para frente, — disse ele, olhando ao redor atrás dele. Ele me levantou o mais suavemente possível, mas eu ainda gritava de dor dos meus ossos quebrados sendo movidos. — Sinto muito, — disse ele, cobrindo minha boca para que nenhum som escapasse.

Ele me manobrou para o lado da cama, de modo que minhas pernas estavam penduradas, e me colocou dentro do carrinho de lavanderia. Eu me contorci, mordendo meu punho para parar de gritar, disposta a conseguir a tampa fechada em cima de mim.

— Aqui, — ele disse, entregando-me a arma, e esse é o momento em que qualquer suspeita que eu tivesse sobre suas intenções derreteu.

— Se isso não funcionar, e alguém abrir esta tampa... atire e mantenha o tiro, ouviu?

Balancei a cabeça.

— Você sabe como usar uma arma?





Balancei a cabeça, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Meu pai, até algumas semanas atrás, foi o presidente do clube de motociclista mais famoso e temido nos Estados Unidos. Claro que eu sabia como usar uma arma.

— *Eu vou tirar você daqui, moça. Prometo.*

E ele fez.

Seis anos depois, Elliot não era mais policial. Na verdade, ele se demitiu da força quase imediatamente depois de me mudar para uma casa segura em Nebraska com sua avó. Juliette Portland foi dada como morta no hospital de hemorragia interna na noite em que me contrabandeava para fora, e enquanto pensamos que Dornan comprou a história, é sempre possível que ele ainda esteja procurando por mim.

Estou do lado de fora de um edifício na Lost City com tatuagens estampada na frente, minhas roupas sujas trocadas por um vestido branco de verão de alcinhas que desliza pelo joelho e mostra meu invejável bronzeado. Só passei a última hora esfregando cada centímetro do meu corpo no chuveiro do quarto de hotel. Eu não estava realmente ficando em um albergue sujo. Tinha um quarto no Bel Air. Achei que poderia muito bem aproveitar minhas últimas horas de liberdade antes de me mudar para o clube hoje à noite.

Empurro a porta e sou imediatamente atingida por uma brisa de ar frio. O ar-condicionado é uma bênção na minha pele avermelhada, que começou a formigar depois de apenas alguns momentos fora. É muito mais legal lá dentro, eu acho que nunca poderei sair.

Estou esperando o zumbido de armas de tatuagem, mas tudo está em silêncio. Olho ao redor da sala, vendo ninguém.

— Olá? — Eu chamo, à espera de uma resposta.

— Oi, — uma voz atrás de mim diz, me assustando. Giro para ver Elliot, ainda parecendo tão lindo como ele era a última vez que o vi, só que agora mais crescido, e com tatuagens cobrindo cada centímetro visível de sua pele. Ele veste uma camiseta branca e bermuda Dickie cinza escuro, tênis azuis brilhantes em seus pés. Seu rosto é a única coisa que me assegura de que ele é.

Estudo o seu rosto e me pergunto se ele sabe quem sou, então, decido que ele provavelmente não sabe. — Você não sabe quem eu sou não é?

Ele imediatamente parece suspeito. — Não. Devo saber?

Balancei minha cabeça, o meu sotaque sulista falso grosso em minhas palavras. — Isso não importa. Eu vim aqui porque preciso de uma tatuagem. Todo mundo diz que você é o melhor.





Sete Irmãos

Lili St. Germain
Série Gypsy Brothers 01

Ele sorri, lambendo os lábios, e vejo um flash que eu acho que é um piercing na língua. — Vamos entrar, — diz ele, levando-me a uma das camas de couro duro. — Que tipo de tatuagem que você está procurando?

— Uma para cobrir uma cicatriz, — digo, mordendo meu lábio.

Ele balança a cabeça, dando um tapinha na cama. Subo, estudando seu rosto atentamente. *Ele é a pessoa mais gentil que já conheci*, eu penso comigo mesmo. Ele realmente arriscou sua vida para salvar a minha.

— Ok, — ele diz, sorrindo. — Onde está a sua cicatriz?

Engulo grosso, junto o meu vestido na minha mão, e levanto para que ele possa ver.

Seu rosto se contorce em algo torturado. Ele olha para mim, em seguida, as cicatrizes, depois de volta para mim.

— Julz? — sussurra. Ele pega no meu cabelo, minha pele, meus olhos azuis, meu novo nariz. Ele dá um passo para trás como se estivesse horrorizado.

— É Samantha, agora, — digo, o sotaque desapareceu, minha respiração engatando na minha garganta. — E eu preciso de sua ajuda.

Seis

Ele não fala. Não se move. De repente me sinto mal, como se eu fizesse a coisa errada, procurando por fora.

— Sinto muito, — digo, puxando o meu vestido de volta para baixo e deslizando para fora da cama. — Eu não deveria ter vindo aqui.

Tento sair, mas ele pega meu cotovelo, me virando para encará-lo. — Espere, — diz ele. — Por favor. Eu não quero que você vá. Só estou um pouco... chocado. Eu não te vi em três anos.

Acabei de ficar ali, sentindo-me patética.

— Juliette, — diz ele sombriamente. — O que você está fazendo aqui?

— Turismo, — respondo com um rosto inexpressivo.

Ele deixa de lado o meu cotovelo e caminha para frente da loja. Ele vira o cartaz pendurado na porta para fechado e tranca a porta, puxando a cortina para baixo para que ninguém possa ver dentro.





— Meu apartamento fica no andar de cima, — diz ele, olhando para mim como se minha aparência estivesse causando dor física. — Acho que nós precisamos conversar.

— E, então, você vai me tatuar? — Peço esperançosa.

Ele parece estar lutando uma batalha interior. — Se me disser por que você precisa *dessas* cicatrizes cobertas, então tudo bem, vou fazer a melhor porra de tatuagem que você já viu.

—Vou dizer se você prometer que não vai tentar me tirar fora disso.

De repente, ele parece cansado. —Vamos lá para cima—, diz ele, —antes que alguém a encontre aqui.

Olho ao redor da loja deserta, confusa quanto a quem exatamente vai me encontrar em uma loja que agora está fechada, mas sigo para cima de qualquer maneira.

Estou agradavelmente surpresa quando entro no apartamento. É muito longe do branco puro da loja, e é surpreendentemente espaçoso. Está decorado em estilo retro, todo preto e vermelho, com pinceladas de amarelo canário aqui e ali. Há pôsteres de bandas que cobrem as paredes a partir de um olhar superficial, posso ver Ramones, The Rolling Stones e Red Hot Chili Peppers. Tábuas de carvalho polido debaixo dos meus pés. Há dois sofás de couro preto um de frente para o outro com uma mesa de vidro entre eles e uma mesa de cozinha preta dobrada do lado.

Elliot anda atrás do banco e reaparece um momento mais tarde, com duas garrafas abertas de Budweiser.

— Boa ideia, — digo, aceitando o que ele me oferece.

Ele se senta na minha frente, e não posso deixar de lembrar a primeira vez que o vi depois que meu pai morreu, quando ele voltou para Nebraska.

Eu estava vomitando. Primeiro vovó achou que era um vírus estomacal e me manteve na cama durante a semana. Mas uma semana lentamente virou duas, depois três, e eu ainda estava doente, ainda deitada na cama o dia todo, e o médico finalmente confirmou o que havia secretamente temido e que nunca considerei.

Ouvi-a ao telefone com seu neto, tarde da noite, quando não conseguia dormir.

— Você tem que voltar aqui, — ela implorou. — É ruim, querido. É muito ruim.

Ela sabia de tudo. Ela sabia o que aconteceu comigo. E agora, sabia que eu carregava uma lembrança duradoura de sua traição.

Elliot estava lá no dia seguinte, sentado ao meu lado enquanto eu vomitava em uma tigela de lata velha. Ele segurou o meu cabelo loiro para trás enquanto eu vomitava, pressionando uma flanela



fria no meu pescoço. Ele cuidou de mim do jeito que eu precisava desesperadamente que alguém cuidasse.

— O que você quer fazer? — Ele me perguntou. Mesmo assim, quando eu tinha apenas quinze anos e ele era apenas um rapaz tímido de vinte e três anos, ele me tratou como se eu fosse à pessoa mais importante do mundo.

— Eu só quero que ele vá embora, — eu disse. — Você pode fazer isso ir embora?

Ele apertou minha mão, ambos presos em um pesadelo que parecia nunca acabar.

— Sim, — ele disse a raiva em sua mandíbula apertada para eles, não para mim. — Eu posso fazer isso ir embora.

Dirigimo-nos para a clínica em silêncio. Ele preencheu a papelada para mim, usou uma identidade falsa para que ninguém soubesse o meu nome real.

Ele segurou minha mão o tempo todo, quando eu estava sendo aconselhada, quando estava sendo preparada para o teatro, quando os restos de Dornan foram dolorosamente sugados das entranhas do meu útero.

Agachou ao pé da minha cama enquanto eu sangrava e chorava. Ele acariciou meu cabelo e me prometeu que iria matar Dornan Ross e seus filhos pelo que eles fizeram comigo. Que ele iria fazê-los pagar.

Por tudo.

Agito essa memória horrível da minha mente e me concentro no aqui e agora.

— Você vai olhar para mim o dia todo? — Pergunto gentilmente, tentando obter um sorriso.

Ele bate a sua cerveja em cima da mesa de café de vidro e a espuma cai no chão de madeira.

— O maldito fantasma só entrou na minha loja pedindo uma tatuagem, — diz ele com gravidade. — Desculpe-me para a necessidade de um minuto para acordar.

Olho para o chão. — Um fantasma é alguém que morreu. Eu não morri.

— Não, — diz ele, balançando a cabeça. — Mas todo mundo nesta cidade acha que você morreu.

Dou um gole na minha cerveja quando estudo a intrincada rede de tatuagens de Elliot que chegam de cada pulso ao ombro antes de desaparecer sob a camisa.

— Por que você está de volta, Julz? — Pergunta ele, estudando-me atentamente. Meu coração cai quando percebo suas mãos estão tremendo.

— Hei, — eu disse, colocando minha cerveja na mesa e colocando minhas mãos sobre a sua por





isso estamos bebendo tanto sua cerveja. —Sinto muito. Eu não queria assustá-lo.

— Foda-se, — diz ele, com amargura. — A última vez que a vi...

— Acalme-se, — interrompo. — Ninguém sabe que eu estou aqui, juro.

Tomo a garrafa de suas mãos e coloco ao lado da minha, e mudo assentos de modo que eu estou sentada ao lado dele.

— Lembra-se da última coisa que falei? — Sussurro, tomando suas mãos nas minhas. Foi assim por muitos anos, mas parece que foi a cinco minutos que ele estava segurando minhas mãos assim e me prometendo vingança.

Ele balança a cabeça. — Não.

— Sim, você sabe, — Falo firme. — Você me prometeu que iria fazê-los pagar.

Seus olhos se arregalam quando ele finalmente entende o porquê estou aqui. — Julz, não...

— Elliot, sim, — murmuro. — Está na hora. É hora de fazê-los pagar por seus pecados.

Ele se afasta de mim e está de pé, caminhando até a janela. É abençoadamente fresco e escuro no apartamento em comparação com o calor escaldante do lado de fora. Eu olho para meu iPhone, consciente de que é devo estar na sede do clube em quatro horas e preciso de uma tatuagem que vá demorar pelo menos cinco anos. Ainda assim, eu suporto os momentos tão pacientemente quanto posso preocupada que ao empurrar Elliot, isso fará com que ele se recuse a ajudar por completo. E, realmente, posso ir a qualquer tatuador e solicitar encobrir minhas cicatrizes.

Mas em uma cidade dirigida por Dornan Ross, não posso arriscar mostrando sua obra macabra a uma única alma. Porque, se alguém me descobrir, eu serei boa como morta.

E eu ainda tenho tantas coisas para fazer.

— Ele deveria ter me levado para baixo, Julz, não você.

Falo gentilmente. —Vovó me contou sobre a sua filha.

Ele parece assustado, medo registrado em seus olhos.

— O que eu quero dizer, — digo rapidamente, — é que entendo por que você não foi capaz de fazer qualquer coisa sobre... — De repente, estou em uma perda para palavras. — Bem, você sabe.

Elliot esfrega os olhos, e me pergunto quantas noites sem dormir ele teve desde que nos conhecemos em uma sala de emergência decorada em tons de bege e banhada no meu sangue há seis anos. Ou quantas noites sem dormir desde que ele foi embora e me deixou sozinha, há três anos?

Elliot continua balançando a cabeça. —Você não deveria ter voltado, — diz ele. — Você deveria ter ficado longe.





Levanto-me do sofá. — Tenho quatro horas para fazer uma tatuagem que cubra essas cicatrizes. Estou fazendo isso com ou sem você. Você vai me ajudar, ou vou sair e encontrar outro tatuador para cobrir essa merda?

Ele se vira, aparentemente chocado com a minha determinação. — Dornan conhece artistas em toda a cidade. Você não pode mostrar suas — sua voz racha, — cicatrizes por ai.

— Elliot, — digo com firmeza. — Sonhei com isso há anos. Dancei no escuro depois que as luzes foram desligadas, ensinando-me as coisas que eu precisava saber. Memorizei cada coisa sobre Dornan Ross e guardei na memória. Estou fazendo isso com ou sem a sua ajuda.

Com o meu desabafo final, volto para sair. Estou blefando, mas ele não sabe disso. Acho que da última vez que estivemos juntos, três doloridos anos atrás, e eu não posso suportar pensar em como ele se afastou de mim.

Estava quente e empoeirado. Era sempre porra de quente e empoeirado. Passou um ano desde que eu morri, já que fui contrabandeada para fora de um quarto de hospital rodeada por homens que queriam me matar, e entregue em uma casa segura a milhares de quilômetros de distância de tudo que eu já conheci.

Elliot era minha única constante. Ele era gentil e amável. Ele ouviu todos os demônios dentro de mim que foram clamando para me sufocar, para me matar. Ele me segurou enquanto eu chorava. Ele enxugou minhas lágrimas.

E então, inexplicavelmente, ele se apaixonou por mim.

Esperamos por um longo tempo para fazer nada mais do que brincar, mas uma vez que demos esse passo final, eu era sua, corpo e alma. Eu o amava. Ele era o meu mundo.

Só que ele não foi suficiente para afastar os demônios. Nada era.

Nos três primeiros anos após eu escapar, eu era uma concha quebrada, tentando sobreviver, tentando esquecer. As cicatrizes, minha lembrança constante. O som de uma motocicleta. O toque de couro sob meus dedos. Estar em espaços confinados.

Eu estava quebrada, destruída, e apesar de ter tentado, Elliot não poderia me colocar de volta junta novamente.

A primeira vez que tentei me matar, engoli um frasco de pílulas para dor do banheiro do armário de sua avó. Não funcionou. Acordei e ainda estava viva.

Elliot me implorou para prometer que nunca faria isso de novo. Eu fiz, e, em seguida, no dia seguinte, juntei a mangueira ao escapamento do seu carro, trancando a garagem, e esperei para a





liberação doce.

Claro, ele me encontrou. Passou através da porta da garagem com um machado e salvou minha bunda.

Na terceira vez, eu estava tão pateticamente óbvia que ele me encontrou no banheiro antes que eu tivesse a chance de arrastar a lâmina de barbear pelos meus pulsos.

Depois da terceira vez, ele saiu. Porque eu era a escuridão, e ele estava afundando dentro daquela escuridão, e cada vez que ele tentou me puxar para fora, eu segurei comigo.

Entendi. Sua vida girou em torno de salvar a minha vida por três anos inteiros, e ele não poderia me salvar mais.

— Não tenho mais nada para dar, — é o que disse, antes que ele entrasse em seu carro e fosse embora.

Foi só depois que ele me deixou que eu percebi que estava fazendo as coisas erradas.

Que não era o perdão e o esquecimento o que minha alma verdadeiramente desejava.

Uma vez que eu fixei minhas visões sobre a vingança, a vida fazia sentido.

Mas a essa altura, já era tarde demais para Elliot e eu. Nosso tempo acabou. Ele já estava com outra garota, seu bebê em sua barriga.

Então, fiquei em Nebraska e aprendi a dançar, e sonhava com a minha vingança.

— Espere, — diz ele.

Eu parei, ainda olhando para a porta que me levaria lá embaixo.

Ele suspira audivelmente. — Vou fazer isso. Se prometer me dizer o que você está fazendo.

Giro ao redor, o sorriso no meu rosto impossível lutando. —Eu disse—, digo, sorrindo como um idiota. —Vou levá-los para fora. Dornan Ross vai apodrecer na cadeia a vida toda, e seus filhos vão sofrer também.

Eliot me olha com curiosidade. — Os policiais nunca foram capazes de obter qualquer coisa para pegar Ross e seus filhos. O que faz você pensar que você é diferente?

Rio. — Bem, eu sou uma menina morta, não sou? Eu vou encontrar aquela fita que ele fez de mim, e enviá-la para todas as estações de TV no país. Eles não terão escolha, só acusá-lo do meu assassinato.

Elliot balança a cabeça, e, um sorriso doce e lento se espalha por seu rosto. Ele dá três passos em seu apartamento para me alcançar e me puxa para um abraço de urso tão apertado, eu mal posso respirar.





— Senti sua falta, — diz, com os braços apertados em torno de mim.

Penso em como nós éramos estranhos uma vez, juntos por circunstância e uma vontade de sobreviver. Como, apesar de não ter posto os olhos uns nos outros, em tanto tempo, Elliot é a única pessoa no planeta que realmente entende meu passado.

—Senti sua falta também—, murmuro, infelizmente, desejando que ele não tenha que ser assim, mas sabendo, sem sombra de dúvida, que *seria*.

Sete

Quatro horas e meia depois, estou correndo para o endereço que Dornan me deu. Claro, não preciso olhar para o cartão. Sei exatamente onde o clube está. Estou quase lá, quando me ocorre que o endereço estava um pouco fora, e eu paro e pego o cartão da minha bolsa.

Com certeza, o endereço no cartão não é do clube. Estou sob a luz amarela de uma lâmpada de rua, tentando massagear o ponto do meu abdômen, sem tocar a tatuagem fresca arranhada no meu lado.

Desbloqueio minha tela do iPhone e navego até a seção de mapas. Plugo o endereço que Dornan escreveu para mim, e espero impacientemente enquanto ele carrega. O pequeno ponto vermelho está me dizendo para ir à direção oposta, 200 metros para o que parece ser um armazém abandonado. Eu corro os 200 metros e chego e paro em frente ao armazém, o meu medo uma coisa viva dentro de mim. Meu coração afunda quando me pergunto por que Dornan me quer aqui em vez de descer a estrada na sede do clube.

Salto de repente com uma figura escura se materializando fora das sombras. Imediatamente o reconheço como Jazz, quinto filho de Dornan. Ele está dolorosamente magro, e não é preciso ser um gênio para perceber que ele tem algum tipo de problema com drogas.

— Ei, querida, — ele grita para mim. — Qual o seu nome?

— Sammi, — respondo, meu coração martelando no meu peito.

— Você está atrasada, — Jazz diz, abrindo a enorme porta de correr velha e gesticulando para dentro. —É melhor você se apressar e entrar.

Hesito por um momento, meus pés coçando para uma decisão.

Foda-se. Eu afundo minha bolsa sobre meu ombro, o meu queixo, e caminho até a porta,





mergulhando por baixo da porta. Tento não assustar, pois está totalmente fechada atrás de mim, a súbita onda beliscando o ar frio nos meus calcanhares.

A luz é fraca no interior do armazém, e me esforço para ver mais do que figuras superficiais quando os meus olhos se ajustam à iluminação.

Há figuras em movimento casualmente aqui e ali. Pelo que posso ver todos do sexo masculino. Antes que eu possa reconhecer seus rostos, Jazz arrebatou minha bolsa da minha mão e imediatamente começa a vasculhar o conteúdo.

— Ei! — Protesto. Outro conjunto de mãos puxa meu braço atrás das costas, forçando em um V doloroso batendo em uma parede de tijolos e o vento bate a direita fora de meus pulmões.

Seja legal.

Eu sinto mãos me dando tapinhas para baixo, de forma eficiente no início, antes de abrandar quando chegam as minhas coxas internas. Fico completamente imóvel quando alguém, quem eu não tenho nenhuma ideia, brinca suavemente com meu clitóris enquanto me revista. Eu não reajo.

— Onde está Dornan? — Eu pergunto. — Ele me disse para encontrá-lo aqui.

— Cale a boca, — outra voz diz, e dirige a seguir para seu dono. Parece que a busca do corpo dedilhado terminou, e estou autorizada a me mover livremente de novo. O filho mais velho de Dornan, Chade, está em pé na minha frente, meu iPhone na mão.

— Qual é a senha para essa coisa? — Ele pergunta.

Sorrio. — D... eu... C...

Estou prestes a terminar essa palavra quando ele joga o telefone no chão, com tanta força que explode em um milhão de pedaços minúsculos. Olho para o chão com nojo e depois de volta para ele.

— Oops, — diz ele, erguendo as sobrancelhas, com efeito. Eu não digo nada, apenas mantenho o seu olhar sem vacilar.

— Qual o seu nome? — Chad pergunta, repetindo mais cedo à pergunta de Jazz.

Se você soubesse quem eu sou, você atiraria na minha cabeça no momento em que eu entrei.

Olho para Jazz, como se dissesse, *por que você não diz a eles?* Ele não fala.

— É Sammi, — digo. — Samantha.

Jazz joga minha bolsa para Chade, que puxa a minha licença e estuda atentamente.

— Qual é o seu endereço? — Ele pergunta. Eu ajo entediada e recito meu endereço perfeitamente, seguido da minha data de nascimento quando solicitado.

— Qual é o seu número de licença? — Ele pergunta. Eu sei disso, mas sei também que a



maioria das pessoas não sabem. Isso provavelmente é mais suspeito de ser do que fingir ignorância.

— Como diabos vou saber? — Digo incrédula, jogando meu cabelo comprido por cima do meu ombro. — Você sabe o seu número de licença?

Ele ri e empurra a minha licença falsa de volta para a minha bolsa, jogando-a para Jazz, que entrega para mim, juntamente com minha bolsa.

—Onde está Dornan? — Repito. —Tenho que começar a trabalhar para ele. Eu não quero chegar atrasada.

Dornan sai das sombras, e salto minuciosamente, sem saber que ele estava assistindo o tempo todo.

—Baby—, diz ele, com a voz profunda comandando respeito entre os seus filhos, que parecem estar prestando atenção de repente. —Você já está atrasada.

Sorrio nervosamente. —Sinto muito. O tatuador levou muito tempo...

—O tatuador? — Dornan me corta drasticamente. —O tatuador?

Eu dou de ombros. —Um cara perto do cais. Você quer ver?

Ele sorri, e apesar do meu ódio por ele, eu posso definitivamente entender por que tantas mulheres se jogam nele. Sua voz profunda crescendo como cascalho; sua boa aparência inconfundível que ele está inevitavelmente repassando para todos os seus filhos, aqueles olhos negros de carvão que faltam nada e não vão nada para longe. Sim, posso ver porque ele tem sete filhos com cinco mulheres diferentes. Ele só tem *algo* que eu não consigo colocar o dedo. Um carisma, um fascínio, uma presença maior que a vida. Mesmo aos quarenta e oito anos, ele só está ficando mais bonito com a idade.

Isso me faz odiá-lo ainda mais.

— Claro, — diz ele. Ele parece impaciente. Sorrio, levantando meu vestido branco, para que ele tenha uma visão clara da minha calcinha de renda, e mostro meu quadril.

Dornan assobia. — Isso é um pouco de tinta boa que você fez, querida.

—Eu fiz para você, — digo, sorrindo timidamente. — Sei que todas as suas garotas têm.

Os filhos não parecem impressionados. Na verdade, a maioria deles parecem francamente entediados.

É irônico, realmente. Astuto como todos eles são, eles não percebem o seu juiz, júri e carrasco quando estão diante deles, pintado em rosas e tinta.

Meu coração *sobe* com o pensamento do que eu vou fazer a cada um deles.



Oito

Vinte minutos depois, estamos no quarto de Dornan na sede do clube. Sei que ele tem uma casa, mas sua esposa está provavelmente lá. *Essa pobre mulher*. Depois da minha humilhante strip-tease-pesquisa, ele me levou, aqui em cima, longe dos olhos curiosos dos seus filhos e companheiros de clube. Estou em partes iguais aliviada e irritada. Aliviada que eu não tinha que fazer um show na frente de tantos caras suspeitos, ou dançar com a minha tatuagem enfaixada um show completo. Irritada porque não consigo respirar corretamente nesta sala, grande como é, já que todas as janelas têm barras de metal sobre elas e estou inequivocamente presa. Sozinha. Com *ele*.

Minhas cicatrizes estão escondidas bem por obra de Elliot, mas se alguém souber o que procurar se estudar a minha pele por muito tempo, iria encontrá-las.

— Você entende por que eu tinha que ter meus meninos revistando antes que você pudesse vir aqui, né?

Estico na cama, descansando em meus cotovelos e tentando parecer relaxada. —Claro. Você não quer uma puta louca vindo aqui.

— Ou um policial, — diz, olhando-me de lado através de seus cílios grossos. Cristo, sua voz é tão profunda, posso *sentir* tudo o que ele está dizendo estrondosamente através de mim como um trem de carga.

— Quando é que eu vou dançar? — Pergunto a ele. Não estou gostando de estar confinada em um quarto sozinha com ele, e estou almejando ar fresco.

Ele sorri ameaçadoramente, e meu estômago diminui à medida que me lembro de que não tenho o meu telefone mais. Aquele idiota esmagou depois que seu irmão enfiou seu dedo fodido em mim. *Merda*.

— Você não vai dançar, — diz ele.

— Oh, — digo, atuando um pouco decepcionada. — Você quer que eu seja garçõnete ou algo em vez disso? Porque eu poderia mostrar a minha rotina.

Ajoelhando diante de mim, de modo que seu rosto está a centímetros do meu. Posso sentir o cheiro de menta em seu hálito e algum tipo de loção pós-barba misturada com seu suor. Não é ofensivo,





exceto que é *seu*.

— Eu não parei de pensar em você a tarde toda, — diz ele, andando com os dedos pelas minhas coxas. Sorrio desobedientemente enquanto ele enfia um dedo dentro da minha calcinha, procurando.

Eu remexo quando ele encontra minha boceta e insere um dedo, depois dois, depois três empurrando dentro. Não posso ajudá-lo. Lamento que ele aplique a menor pressão para meu clitóris com a ponta do polegar. Não posso continuar olhando para ele, preciso fechar meus olhos, então eu puxo seu rosto para o meu, nossos lábios batendo juntos em uma espécie de frenesi.

Ele pega a mão e puxa o meu vestido, levando-o sobre a minha cabeça antes de jogá-lo ao chão. Estremeço quando ele levemente traça os intrincados padrões de rosas e uma Phoenix renascendo das cinzas, que agora adorna o meu meio.

— Preciso estar dentro de você, menina, — ele geme, desabotoando sua calça jeans e deixando sua dureza ascender para o tamanho máximo. Tenho a oportunidade de estudar mais de perto. Yup. Não admira que a minha bunda esteja tão dolorida. Seu pênis é *enorme*.

Ele nem se incomoda de tirar minha calcinha, apenas empurra para o lado com as mãos ásperas, enlouquecidas. Estou igualmente emocionada e com medo de que eu tive esse efeito sobre ele no espaço de poucas horas. Acho que minha transformação e cabeça fez tudo ficar completamente certo.

Ele me empurra para baixo na cama, pairando seu pênis entre as minhas coxas.

— Você é minha agora, — diz, empurrando dentro de mim com força suficiente para me fazer chorar. Ele imediatamente começa a bombear dentro e para fora, duro e rápido, e meu cérebro batalha com o meu corpo. Tantas emoções conflitantes estão disputando minha atenção, e estou completamente e totalmente oprimida.

Ohhhh.

Abro os olhos para vê-lo em cima de mim e estou imediatamente com medo, sangrando com quinze anos de idade, aquela menina de novo.

Não. Não pense sobre isso. Finja que ele é outra pessoa. *Lembre-se porque você está aqui.*

E esse delicioso conhecimento do meu engano mexe algo carnal na minha barriga, algo serpenteando de desejo que enrola em torno de mim e aperta com força. *Sim. Melhor.*

Eu chego e envolvo meus braços em volta do pescoço, à emoção da minha traição quase o suficiente para me dar um orgasmo por conta própria.

— Isso é tão bom, — Lamento, e ele sorri, porque ele pensa que me está fodendo, quando eu que estou trepando com ele.





Ele é um amante hábil. Eu não tenho ninguém para compará-lo, além do meu namorado no colegial de Nebraska, mas quando ele me leva para a beira do clímax em uma onda branca e quente de prazer e de mentiras, não posso deixar de gritar.

Posteriormente, mentimos juntos, pegando nossa respiração. Olho para ele com o canto do meu olho para vê-lo olhando para trás.

— Onde você esteve a minha vida toda, baby? — Pergunta, passando as mãos sobre meus seios e entre minhas pernas. Seu toque está em toda parte, em cima de mim, me marcando como sua, afirmando sua posse.

Sorrio timidamente. — No colégio, provavelmente, — Rio.

— Ei, agora, — ele responde, brincando. — Não me diga que eu tenho que provar que a idade não importa?

— Eu acho que você fez, — respiro.

Mentimos em silêncio por alguns momentos abençoados. Isso me dá tempo para pensar. Tempo para planejar.

A voz de Dornan grave no silêncio quebra o meu momento de refúgio.

— Eu só tenho uma pergunta para você, menina.

Uma pergunta. Parece fácil. Eu me viro para encará-lo e aceno em antecipação.

— Seu ex. Qual era o nome dele?

É uma pequenina, minúscula mentira branca. — Michael, — digo, piscando diante dos meus falsos olhos azuis minha história de fundo falso. — Michael Trevine.

Ele balança a cabeça. — Ele nunca vai machucá-la novamente. Por que ele não vai machucar de novo?

Sorrio com ar sonhador, imaginando o olhar em seu rosto quando eles o colocarem de macacão laranja e baterem sua cela fechada para sempre. Talvez eles deem a pena de morte.

Eles deveriam.

— Porque, — digo, brincando, traçando seus lábios com o dedo: — Eu sou sua?

Ele só fode em risos. — O que eu fiz para merecer você? — Ele respira.

Agora *eu* sou aquela que ri.

Nove





Cresci ao lado do oceano. Até que eu tinha quinze anos, não tinha ideia de que algumas pessoas poderiam passar uma vida inteira sem nunca ver o mar.

E então, uma noite, fui forçada a fugir dele, arrancada de sua beleza para sempre.

Eu não vi uma praia por seis anos. Landlocked é amarga, cercada por terra e tempestades e pesadelos do rosto de Dornan Ross.

Então, quando acordo, depois de dormir mal, para ver seu rosto com barba por fazer olhando para mim, é tudo o que posso fazer para não gritar.

— Uau, — diz, sorrindo como o gato que tem o creme de porra. —Sonho ruim?

Sento-me, empurrando os lençóis para descobrir que estou completamente nua, minha tatuagem irritada, vermelha e ardendo. Elliot me alertou sobre isso. Mas, em vez de tentar evitar pensar sobre a dor, eu gosto. A queimadura ajuda a lembrar de por que estou aqui.

Isso me faz lembrar como é bom estar viva.

— Bom dia, — digo, esfregando os olhos. Eu me inclino para trás, deixando meus seios sobressaírem à vista para que ele possa vê-los. — Oh Jesus, — diz ele, gemendo alto. Posso ver a protuberância em sua calça. O homem está, literalmente, pronto para ir a qualquer hora do dia.

— Gostaria de poder ficar, menina, — diz ele, entregando-me uma caneca de café preto quente. —Mas eu tenho que ir executar um trabalho com os meus meninos.

— Tudo bem, — digo, organizando os lençóis em torno de mim mesma. —Tenho que acabar essa tatuagem, de qualquer maneira.

— Oh, você não vai a lugar nenhum, — diz ele. Eu quase engasgo com o café.

— C-Como? — Pergunto, limpando o café do meu queixo.

— Tempestade se aproximando, — diz ele, empurrando a carteira no bolso de trás da calça jeans. — Eu tenho cerca de dez minutos antes de sair e torna-se quase impossível de dirigir quando não estava planejando montar.

— Então, você quer que eu fique aqui? — Pergunto. — Sozinha?

Ele drena sua própria xícara de café. — Não. Meu filho vai estar aqui. Jase. Ele está ficando para trás com você. — Ele olha para mim estranhamente por um momento, e eu não posso dizer o que ele está pensando. — Além disso, tampinha é o único do lote que eu confio para cuidar bem de sua bunda. — Ele se inclina para mais perto e sorri conspiratório. — Eu tenho oitenta por cento de certeza





que ele é gay. Não diga a ninguém, no entanto. Será fodido e espancado até a morte por seus irmãos, se mais alguém souber.

Jase. *Foda-se.*

Apenas sorrio distraidamente, minha mente vai um milhão de milhas por hora. Estou essencialmente presa, sem um telefone ou uma saída. Eu memorizei o número de Elliot, mas que na verdade não importa se não tenho uma maneira de ligar. E não quero levantar qualquer suspeita, fazendo um grande negócio de entrar em contato com ele.

Eu só rezo para que ele não fique impaciente e informe minha falta. Especialmente porque, tecnicamente, eu já estou morta.

— Tudo bem, — digo brilhantemente. — Onde você está indo?

Dornan ri quando ele puxa sua jaqueta de couro em cima da camiseta preta. Minha garganta fica apertada como eu vejo as cores do clube adornando o couro preto, o crachá de *Presidente* imperdível. É exatamente como a jaqueta de meu pai costumava usar.

— É uma surpresa, querida. Você verá em breve.

Uma surpresa. Eu me pergunto o que diabos *isso* poderia ser. Tenho que forçar à força para parar de revirar os olhos violentamente para trás em minha cabeça.

— Eu gosto do seu casaco, — digo baixinho. — Parece confortável.

Ele incha o peito para fora e estuda no espelho ao lado da cama. — Eu ganhei quando me tornei presidente do clube, — diz, e algo dentro de mim morre um pouco. Por isso *é* o casaco do meu pai.

— Se vista, — Dornan diz ainda se olhando na frente do espelho. Obedeço, balançando as pernas para fora da cama. Acho minha bolsa ao lado da cama e seleciono uma nova roupa, jeans escuro e um top branco que expõe meu decote bem. Eu visto a calça jeans, então ando para o banheiro adjacente para aplicar um pouco mais de rímel e corrigir o meu cabelo da cama.

Dez minutos mais tarde, estou desfilando na frente dos membros do clube que ainda estão no clube. Estamos lá embaixo na sala principal, que apresenta grande quantidade de sofás de couro baixos nas costas, um bar totalmente abastecido que fica na frente, e um pequeno palco em uma extremidade. Não há janelas, o que faz coçar. Eu sei o porquê. Janelas significam que as pessoas podem ver o interior. Janelas significam que as pessoas podem disparar balas.

Eu olho em volta, examinando as dúzias de rapazes e moças pendurados com cada palavra nauseante de Dornan. Eu acho que a maioria das pessoas decidiu voltar para casa após o aviso da tempestade foi emitido. Entro em sintonia com o que Dornan está dizendo ele está terminando.





— Ninguém a toca, — finaliza. — Ela é minha. Você ouviu?

Sorrio vagamente quando alguns caras se acotovelam e algumas meninas com raiva apitam e procuraram parecer ciumentas quando elas olham de cima a baixo.

Dornan estala os dedos e agarra meu braço. — Vamos lá, — diz ele. — Já é tempo de eu ir. — Eu troto atrás dele como um cachorrinho obediente, aprendendo todos os detalhes que puder sobre o lugar.

Algumas coisas mudaram, e alguns permaneceram exatamente iguais. Dornan ainda é um idiota que definitivamente não mudou.

Sigo para fora da sala principal do clube, por um corredor estreito que tem várias portas fechadas e que eventualmente se abre em uma grande cozinha completa, com várias mesas de jantar.

— Espere aqui, — diz, esfaqueando uma mesa com o dedo. Sento-me à mesa e olho para ele. — O que eu estou esperando?

Ele se inclina sobre o lado da mesa e estuda meu rosto. — Estamos apenas esperando, isso é tudo.

Concordo com a cabeça, olhando ao redor da sala. Fotos de membros do clube pontilham as paredes, e minha garganta trava quando olho diretamente sobre uma foto que eu me lembro de bem. Uma foto que eu vejo e lembro e tenho saudades por seis anos. Minha cópia encontra-se agora em um cofre com outro nome falso, no centro de Los Angeles.

Meu pai.

Eu me forço a desviar o olhar, certo que Dornan está me estudando. Ele pode ter me permitido entrar em seu clube, mas sei muito bem que ele ainda não confia em mim nem uma polegada.

Jase se apressa para a sala alguns momentos mais tarde, olhando como se ele tivesse acabado de sair de um banho completamente vestido. Ele está criando uma mancha de água atrás dele e quando ele para na frente de seu pai, esta mancha torna-se uma poça de pleno direito.

— Jesus Cristo porra, — diz Dornan, elevando-se sobre o seu filho, mesmo que ambos sejam da mesma altura.

— Você está fazendo uma confusão maldita, rapaz.

Jase enxuga a umidade do rosto e mais gotas de água da chuva para baixo. Eu tenho que me esforçar para não sorrir. Jase claramente gosta de deixar seu pai chateado.

— Eu tive que andar no meio da chuva. É uma loucura lá fora.

Só agora é que eu percebo que ele está carregando um capacete da motocicleta preta em uma



das mãos, o queixo batendo sobre os dedos.

Dornan balança a cabeça. — Pegue um carro porra próxima vez, — diz ele. — Eu não preciso de você morrendo lá fora.

Jase assente. — Por que você me chamou? Eu pensei que você me queria no clube hoje.

Dornan desloca-se para que Jase possa me ver. Jase imediatamente parece impressionado.

— Eu tenho que ir a uma corrida por um ou dois dias, — diz Dornan. — Eu preciso de você para fazer companhia para ela.

— Está aqui? — Jase pede causticamente. — Não é *esta* que deveria estar trabalhando hoje à noite?

Dornan olha de mim para seu filho e suspira. — Olha rapaz, não tenho tempo para explicar agora. Ela é algo especial, você ouviu? Eu decidi que ela está melhor aqui no clube, fazendo companhia para o seu velho.

Estou morrendo de vontade de falar, mas sei que Dornan gosta de suas mulheres estúpidas e obedientes, então mantenho minha boca fechada.

— Quanto tempo você pretende ficar fora? — Jase pergunta, olhando desinteressado.

— Dois dias, tops, — Dornan responde. — Peça a Kathy para cobri-lo no clube. E filho... — Ele me puxa do meu assento ao meu ombro e me coloca na frente de Jase — Eu nunca deixaria seus irmãos perto de Sammi aqui, você entende?

Sim, claro, eu penso comigo mesma.

— Mas você, meu filho, sei que você passou realmente duro desde Raelene nos deixou. Deus abençoe sua alma. Então, se você quer amostra deste belo pedaço de bunda, — ele dá um tapa em minha bunda com a mão grande, — você vai em frente, ouviu?

Todo o meu corpo salta um pouco por ter sido esbofeteado e eu olho para Dornan interrogativamente.

Jase está olhando para seu pai e se recusa a olhar para mim, ou mesmo reconhecer a minha presença. — Eu não preciso ser o segundo em suas bocetas, — diz ele a seu pai, e eu quero vomitar. Isto é muito mais difícil, muito mais real, do que imaginava que seria. A maneira que Jase olha para mim, quando ele olha para mim, me faz querer gritar.

Está muito longe do cara que me ofereceu um copo de água e uma cadeira ontem, e nada como o menino que queria me salvar de tudo isso uma vez.

O menino que eu amava.





— Tem certeza que você não é uma daquelas malditas bichas? — Dornan pergunta claramente chateado com a rejeição descarada de seu filho do que ele, sem dúvida, considera ser uma oferta generosa.

Jase apenas revira os olhos. — Tenho certeza, Pop. Vá agora, antes que você perca a sua chance. Essa tempestade é uma cadela e ela só está piorando.

Relâmpagos pintam o céu e salto nervosamente.

— O que há de errado com você? — Jase exige.

Eu odeio tempestades. Odeio com uma paixão. Quando eu era uma garotinha, costumava ir e me esconder debaixo das minhas cobertas e esperar a fúria da mãe natureza para passar.

Às vezes, quando éramos mais jovens, Jase ia e se escondia comigo.

— Nada, — digo. — Não gosto de tempestades é tudo.

Olhos de Jase caem em mim curiosamente, sacudindo os olhos para cima e para baixo. Naquele momento, me pergunto se ele vai adivinhar quem eu sou eventualmente. Ele é inteligente e astuto, e eu sou, provavelmente, apenas algumas observações descuidadas longe de levantar a suspeita.

— Elas fazem o meu cabelo arrepiar, — acrescento, tentando pensar em outras razões pelas quais as pessoas podem odiar tempestades. — Tenho que usar o meu alisador de cabelo, tipo, três vezes por dia, quando está úmido.

Jase olha para mim como se pudesse olhar para uma barata esmagada na parte inferior do seu sapato. Eu murcho por dentro sob o poder de sua ambivalência.

Você costumava me amar uma vez.

Não posso pensar nessas coisas agora. Talvez nunca.

Dornan me puxa para ele e planta suas mãos firmemente em meu traseiro.

— Vou sentir sua falta, menina, — diz ele, chupando duro no meu pescoço e eu suspiro. Ele é um homem adulto me dando um chupão do caralho. Marcando-me como *sua*.

Eu puxo o rosto para encontrar o dele e beijo profundamente, uma *Eu quero foder* mais do que ele deve sentir todo o caminho até as pontas de seus dedos do pé. Ele estremece um pouco, me puxando para ele, e sinto sua dureza contra a coceira da minha tinta fresca e cicatrizes timidamente cobertos.

— Você tem que ir embora? — Pergunto docemente, depois de quebrar. — Nós apenas começamos nos divertir.

— Ugh! — Dornan geme. — Você está me matando, princesa. Eu tenho que correr. Os meninos estão esperando por mim. Vejo você em um dia ou dois.





Concordo com a cabeça, tentando parecer triste, e grito quando ele dá um tapa na minha bunda novamente.

— Vê, — diz ele, golpeando o peito de Jase com o dedo. — Eu estou fora.

Ele sai sem olhar para trás, e eu relaxo imediatamente.

— Feliz que ele se foi? — Jase diz sombriamente.

Esqueci que ele estava ali por um momento. Cristo. Eu realmente preciso manter meu juízo sobre mim.

— Estou com fome, — explico. — Tudo que o homem quer fazer é foder, e eu não comi nada desde o almoço de ontem.

Ele me dá um olhar tão fulminante, que leva toda a minha vontade para não quebrar e dizer a ele quem eu realmente sou. Não antecipei ter que estar na mesma sala que ele, e muito menos tê-lo como babá. Sendo julgada como uma prostituta comum por ele.

Jase caminha até a janela aberta, que separa a cozinha da sala de jantar. — Ei, Carol, você está aí? — Ele pergunta, com uma voz mais como um urso de pelúcia do que o tom idiota que ele está usando comigo.

Antes que eu possa pensar, uma mulher aparece com a cabeça no canto da porta da cozinha, sorrindo.

— Ei, Jase, — diz, despenteando seu cabelo. Engulo em seco e procuro uma fuga que não existe.

— Sammi está com fome. Você acha que poderia pegar um pouco de cereal ou algo da despensa?

Carol limpa as mãos em um pano de prato e sorri, olhando diretamente para mim. Congelo como um cervo nos faróis.

Ela tem apenas quarenta, mas parece mais perto de cinquenta anos, uma vida de excessos e violência escrita em cada linha de fundo que atrai para fora e debaixo de seus enormes olhos verdes. Seu cabelo loiro escuro está no alto da cabeça em um coque bagunçado francês, salpicado com mechas finas de cinza.

— Olá, Sammi, — diz Carol, estendendo a mão. — Você deve ser nova aqui. Eu posso fazer qualquer coisa, ovos? Walffe?

— Cereal está bom, — Ranjo quando eu aperto a mão de minha mãe.





Dez

Minha mãe me vendeu por um saco de pancada.

Isso mesmo.

Eu disse isso.

Ela era uma péssima mãe, uma mentirosa e uma prostituta e ladrona. Ficar grávida de mim foi um acidente, ela mal tinha dezessete anos e acabava de conhecer meu pai.

Ao crescer, meu pai era como uma mãe para mim também. E a minha mãe, quando ela estava por perto, era como uma irmã mais velha distante, que me atacava quando eu fazia algo de errado, e gritava comigo sempre que eu chorava. Aprendi desde muito cedo a nunca chorar. Aperfeiçoei minha cara de pôquer com três anos, a mesma idade que eu aprendi a sair da minha própria cama, como puxar uma cadeira e fazer o café da manhã, como chamar o 911 quando minha mãe morresse de overdose de heroína no banheiro.

Ela era uma mãe horrível, mas ainda era minha mãe, e eu a amava mais do que tudo.

No dia que Dornan me levou, o dia em que eu morri, era como qualquer outro dia. Meu pai ainda estava no trabalho na fábrica, a minha mãe estava rasgando sua pele, sem dinheiro e sem de metanfetamina.

Então, tio Dornan bateu à porta, rodeado por Chad e Maxi. Eu era uma garota das ruas. Cresci na vida, no clube. Podia ver as armas em suas cinturas, escondidas sob camisas finas e jaquetas de couro remendado.

Minha mãe abriu a porta. Estava na cozinha e ouvi vozes. Eles estavam procurando meu pai, ele estava em casa?

Quando minha mãe disse que o meu pai ainda estava no trabalho, Dornan entrou aparentemente insatisfeito com a resposta dela.

Então, seus olhos pousaram em mim, e um sorriso de merda cresceu em seu rosto mal barbeado.

— É melhor você vir conosco, Juliette, — disse ele, sua voz como cascalho afiado raspando contra a minha pele nua.





Olhei para a minha mãe, alarmada. Algo não estava certo.

— Por que? — Perguntei a minha mãe, pegando-a pelo braço quando perdida em um ponto.

Dornan retirou um saquinho amarrado de pó castanho claro de dentro de sua jaqueta e segurou-a na frente dela. Heroína.

— Relaxe, querida, — disse ele, sorrindo. Senti minha pele formigar quando meu coração batia mais rápido. — Nós vamos trazê-la de volta em algumas horas.

Minha mãe olhou incerta. — Por que você precisa de Julie, — ela perguntou. Ela sempre me chamou Julie. Todo mundo me chamava de Julz.

Exceto Dornan. Ele gostava de usar o meu nome completo.

Dornan sacudiu o saquinho. — Nós só precisamos dela para nos ajudar a encontrar algo, Carol. É um trabalho rápido lá fora. Nada desagradável.

Minha mãe mordeu o lábio e olhou de Dornan, para mim, para o saquinho.

— Eu não me sinto bem, — eu disse para a minha mãe, recuando. — Eu não quero ir.

Dornan se aproximou de mim, elevando-se sobre a minha estrutura de um e meio de altura. — É importante, Juliette, — disse ele, seu sorriso desaparecendo. — Jason espera por você.

Ele agarrou meu cotovelo, me dirigindo para a porta da frente.

— Mãe, — protestei.

Dornan deixou cair o saco em sua palma aberta e sorriu vitoriosamente. — Você é uma boa mulher, Carol. Eu sabia que você ia nos ajudar.

— Traga-a para jantar em casa, — disse minha mãe, voltando-se e fugindo para a cozinha com as drogas.

Dornan me puxou com mais força. — Mãe! — Gritei. Ela não respondeu. Ela ignorou minha súplica quando três homens me arrastaram para fora da minha casa e me mandaram para o banco traseiro de seu carro, o motor ainda ligado.

— Para onde vamos? — Perguntei, irritada e chateada.

Ninguém respondeu. Dornan não fez contato visual comigo, apenas olhou para cima e para baixo da nossa rua antes de bater a minha porta. Um momento depois, ele estava no banco do motorista, e trancou o bloqueio central. Eu estava presa.

Descansei minha cabeça contra a minha janela e olhei para a minha casa pelo que seria a última vez.

Eu vi minha mãe através das cortinas abertas quando Dornan virou o carro para fora da nossa



rua. Ela parecia completamente absorta enquanto colocava o líquido turvo em uma seringa.

Ela nem sequer olhou para cima com fixação em sua droga quando sua única filha foi levada para a morte.

Sento-me em silêncio atordoada, uma colher de Cheerios em minha boca, agradecida de, como os grãos derretendo na minha língua, eles estão lavando o gosto do beijo de despedida de Dornan.

Estou hesitante.

Eu não sei se posso fazer isso.

Não agora que vi a minha mãe olhar através de mim como se eu fosse uma completa estranha.

Ela acha que estou morta. Estou passando por um tipo de luto por ela, um que eu nunca esperei sentir. Ela é uma traidora, depois de tudo. Acho que ela sabia o que Dornan estava planejando fazer com meu pai, mas ela não se importava. Ela não deixou, ou avisou o meu pai ou eu. Não, em vez disso ela correu para Dornan, pedindo dinheiro para seu hábito de merda, *sempre pedindo dinheiro*, E mesmo quando eu supostamente morri em suas mãos, ela ainda não deixou esse lugar esquecido por Deus.

— Parece que você viu um fantasma, — Jase diz baixinho, balançando para trás em sua cadeira, de modo que apenas os calcanhares dos dois pés estão tocando o chão.

Eu largo minha colher na minha tigela leitosa e limpo a boca com as costas da minha mão.

— Estou quase fazendo um comentário do tempo que seu pai se foi? — Pergunto, empurrando minha tigela de distância. — Porque eu prefiro não.

Ele parece surpreso com a minha súbita mudança de humor, e, para ser honesta, eu também pensei que ter Dornan enroscado e tê-lo olhando para mim como um cachorrinho doente ia ser a parte mais difícil de tudo isso.

Claramente, eu estava errada.

Jase arregala os olhos e sorri descaradamente. — Olá. Esta é a verdadeira Samantha? Porque eu gosto dessa mais do que as besteiras de fios de fadas que você faz na frente de Dornan.

Sorriso de volta, mas meu sorriso é azedo. — Olha, — respiro, inclinando sobre a mesa, —Eu gosto de seu pai, não me interprete mal. Ele me deu um lugar para ficar e dinheiro para gastar. Mas...

— O quê? — Jase brinca, balançando perigosamente longe para trás na cadeira antes de bater as duas pernas dianteiras de volta para o chão, de modo que seu rosto está mais perto do meu. — Você não gosta de ficar presa enquanto Pop sai com sua banda alegre?

Eu deixo cair o sorriso. — Algo como isso.

Jase fareja e acena com a cabeça, olhando o quarto. — Entendo. Isso não é o que você se





candidatou para trabalhar.

— Exatamente, — digo. — Eu sou grata por isso, não me interpretem mal. Eu só estou um pouco... *sobrecarregada* no momento.

Jase aperta os olhos, aparentemente em uma profunda reflexão. — Cuidado por aqui, — diz ele. — As coisas, as pessoas, tem uma maneira de se machucar, se eles não fazem o que dizem.

Por favor, Pop, por favor, não, eles estão machucando-a, por favor, pare, pare, PARE.

Eu apenas aceno, mordendo meu lábio. — Obrigada pela dica.

— Então, você odeia tempestades? — Diz Jase, inclinando a cabeça para o lado.

Ele ainda está tentando me descobrir, eu acho. Ele ainda suspeita que eu sou mais do que apenas uma coelhinha para foder de seu pai.

— Eu odeio umidade, — Dou de ombros. — Isso é tudo.

— Huh. — Ele fica em silêncio por um momento, depois pergunta abruptamente. — Quer ir até o telhado por um tempo?

Isso não é onde a porra tempestade está?

— Quero dizer, a menos que você esteja com medo. — É um desafio aberto que se estende até mim com uma palma da mão estendida e um sorriso arrogante. Idiota.

Sorrio, colocando minha mão na sua e fico de pé. — Só se você arrumar meu cabelo depois, — digo, brincando.

— Ahhh... de acordo? Eu acho? Como diabos você arruma o cabelo de qualquer maneira?

— Com um ferro de passar—, sorrio. — Joga?

— Eu acho, — diz ele, sem olhar muito convencido. Enquanto ele me leva de volta para o corredor, ele atinge o braço livre ao redor da porta e pega uma garrafa de Jack da cozinha.

— Para o show de luzes, — ele pisca, agitando a garrafa.

Apenas sorrio uma mentira quando meu estômago vira e meu coração se afunda em um todo.

Onze

O clube tem poucas janelas e um monte de sonorização, um sonho para uma menina que tem medo de trovões e relâmpagos.





No momento em que chego ao topo da escada e Jase abre a escada de incêndio, estou encolhendo com os flashes brilhantes de luz e o trovão ameaçador que rasga através de cada fibra do meu ser.

Uma vez que a porta está aberta, o barulho do vento e trovão se torna ensurdecedor, e se acovardam diante da perspectiva de sair.

— Vamos, — Jase grita acima do barulho, puxando minha mão. — Confie em mim!

Confiar nele? Claro *eu* confio nele. Ele arriscou sua vida maldita para tentar salvar a minha todos aqueles anos atrás.

Mas será que *Sammi* confia nele? *Será que ela faz?*

— Foda-se, — respiro, arrancando meus pés teimosos e seguindo fora para o vento e neon dos flashes uivantes. Tem que ser melhor do que ficar presa lá embaixo com a minha *mãe*.

Eu aperto meus olhos, encolhendo contra o ataque repentino de picadas, pingos de chuva afiadas que são quase sólidas o suficiente para ser considerado granizo. Eles mordem a minha pele como pequenas balas, latindo para o meu sangue.

— Por que diabos você quer estar aqui? — Eu grito com Jase. Ele puxa a minha mão e vamos continuar correndo. A visibilidade é terrível e eu mal posso ver o que está na minha frente, além de chapas grossas de chuva gelada.

Um raio atinge desconfortavelmente perto e grito, praticamente pulando em Jase. Ele ri, apontando para algo em frente nós. No início, eu não percebo o que é uma sala sem paredes, e não está molhado por dentro.

Não é mágica, é um espaço feito inteiramente de vidro. Uma estufa.

Que estranho, acho, e grito novamente quando outro raio atinge a menos de cem metros de distância. Estou praticamente colada a Jase como um macaco aranha preso em suas costas.

Respiro um suspiro de alívio quando ele abre uma porta no vidro e me puxa para dentro, fechando-a atrás de nós. A tempestade ainda grossa em torno de nós, mas pelo menos eu me sinto um pouco mais protegida. O quarto é muito grande, pelo menos vinte metros de diâmetro e com uma vista deslumbrante do litoral Venice Beach.

— Que lugar é esse? — Pergunto. — A fazenda de maconha?

Jase sorri. — Costumava ser. Até os policiais começaram a fazer vigilância aérea. Agora é meu ponto de encontro quando eu fico doente de estar lá com meus irmãos idiotas.

— Você traz todas prostitutas de seu pai aqui em cima? — Pergunto, torcendo a umidade extra





do meu cabelo marrom longo.

Jase ri. — Você acabou de chamar a si mesma de prostituta?

Sorrio maliciosamente. — Vamos nos manter firmemente plantados na realidade, não é? Estou dormindo com o seu pai para que ele me deixe ficar aqui em seu clube. O que mais você poderia me chamar?

Jase levanta as sobrancelhas. — Eu não sei. Uma menina que teve que tomar algumas decisões difíceis para proteger a si mesma?

Dou de ombros, tremendo. —Essa é uma maneira muito mais agradável de dizer isso—, admito.

— Aqui. — Jase encolhe os ombros de sua jaqueta de couro de mangas compridas e coloca em volta dos meus ombros. Não posso deixar de notar que o casaco é simples, desprovido de quaisquer adesivos ou insígnia do clube. Isso deve irritar Dornan direto.

— Obrigada, — digo, uma emoção correndo em mim, como as pontas dos dedos escovar meu ombro.

Estou espantada. Mesmo depois de seis anos, mesmo alheio ao que eu realmente sou, há uma química entre nós que as rachaduras mesmo com a tempestade que se enfurece ao nosso redor.

— Sente-se, — diz Jase, tirando algumas caixas de leite. Ele se senta em uma e tira um saco meio vazio de pretzels para ir com a garrafa de Jack a seus pés. Ele mastiga um pretzel antes de oferecer o saco.

Aceito, comendo um pretzel e vendo como ele desenrosca o uísque e toma um gole longo e profundo. Imagino como deve queimar a garganta, a língua, os lábios.

Seus lábios.

— Você sempre começar a beber as dez da manhã? — Pergunto a ele.

Ele sorri descaradamente e me olha por baixo seus espessos cílios negros. Ele tem um sorriso com covinhas de sua mãe, e por isso eu sou eternamente grata.

— Só quando eu estou de babá de *putas*, — Ele brinca, oferecendo-me a garrafa. Tomo um gole e o líquido queima todo o caminho para o meu estômago.

— Você não me conhece, — digo, pegando outro pretzel na minha boca. — Eu não penso que você *sabe quem eu sou*. Por que se preocupar me trazer aqui em cima?

Jase leva a garrafa de volta e toma um gole, engolindo o líquido. Ele me estuda, por um momento, me dando uma sensação desconfortável na minha barriga.

Porque ele olha para mim como se ele *me* conhecesse.



— Você me faz lembrar uma menina que eu conhecia, — diz ele em voz baixa, olhando para longe.

— Oh, sério? — Pergunto casualmente, um rio de lágrimas reprimidas queimando um buraco em meu maldito coração. — Onde ela está agora?

Ele olha para o chão por um momento antes de conhecer o meu olhar novamente. — Ela morreu.

Engulo de volta o enorme nó na garganta. Não posso chorar. Se eu chorar, isso tudo acaba. E isso não pode, não ainda.

— Sinto muito, — digo baixinho, meus planos cuidadosamente definidos ameaçando quebrar em pedaços, como o edifício de vidro frágil que estamos abrigados.

— Está tudo bem, — diz ele, acenando com a mão com desdém. — Foi há muito tempo atrás.

Nós sentamos em silêncio por algum tempo, mastigando pretzels e compartilhando o Jack. Depois de algum tempo eu começo a me sentir relaxada.

Pare de beber. Você precisa manter o seu juízo sobre você.

— Seu pai é um pouco... completo idiota, — digo finalmente, perfurando o silêncio.

Jase olha para mim com uma expressão desprovida de riso ou de luz. — Ele é um tipo, — diz ele, e posso ouvir a amargura em sua voz.

— Vocês dois não são próximos? — *Por favor, diga que não, por favor, diga não.*

— Huh! — Jase ri, mas não há nenhuma alegria no som. É mais como um grito estrangulado de desespero.

— Não. Nós não somos próximos. — Há muito mais por trás dessas palavras, uma história que posso dizer que ele quer compartilhar, mas ele é inteligente para não fazer. Ele não me conhece. Eu poderia ir e alardear tudo o que ele está me dizendo para Dorman.

— Ele é um pouco assustador, não é? — Digo cautelosamente, não tenho certeza quanto ele vai revelar.

Ele só me olha com seus olhos azuis lacrimejantes, até eu quero corar sob o poder de seu olhar. — O quê? — Digo. — Eu disse muito? Sinto muito. — Mudo desconfortavelmente quando ele continua a me olhar.

— Você está meio que me assustando, — digo finalmente, desviando o olhar.

— Sinto muito, — diz ele, a tensão quebrada. — Eu só...

— Você só o quê?

Ele se inclina para perto de mim e olha em volta, nervosamente. — Você precisa ter cuidado, —



diz ele, a preocupação em sua voz clara. — Você parece ser uma garota legal. Meu pai tem meninas como você e fica um pouco obcecado.

— Tenho notado, — digo, não deixando o humor na minha voz agora também. Balanço minha cabeça. — Eu só queria um emprego, — sussurro. — Agora ele me tem aqui, eu sinto que ele não vai me deixar ir embora.

— Ele não vai, — diz Jason categoricamente. — Meu pai é fudidamente intenso. Ele quer você, ele vai ter você.

Olho para ele, horrorizada. Lembro-me de Dornan ser obsessivo e calculista quando eu era uma criança, mas não assim.

Embora, ele organize para que seus filhos se revezam estuprar uma menina de quinze anos que o chamava de tio. Então, não é muito surpreendente, eu suponho.

— Você vai ficar bem—, diz ele rapidamente, vendo meu rosto. — Só não o irrite. Ele vai ter uma nova obsessão em um mês ou dois, e então você pode respirar mais fácil.

Concordo com a cabeça, de repente sobrecarregada e claustrofóbica apesar de estar em uma sala que posso ver através das paredes. Tomo a garrafa de Jase e dou um profundo gole. Preciso ficar sóbria. Eu não sei como diabos vou lidar com ser prisioneira de Dornan quando tudo que eu vim aqui era dançar no clube burlesco e chegar perto do clube. *Isso* não fazia parte do plano. Apesar, ao mesmo tempo, é deliciosamente conveniente e, sem dúvida considerável.

— O que aconteceu com sua última obsessão?

Jase leva a garrafa de volta, mas não bebe. Ele está pensando.

— Talvez eu não queira saber, — digo com relutância.

— Eu não posso falar sobre isso, — Jase diz finalmente. — Eu só te conheço. Ele é meu pai.

Concordo com a cabeça, mas por dentro eu estou vazia. Jase está me *protegendo dele*. Ele está protegendo Dornan, que matou sua namorada do colégio e a estuprou. Enquanto ele mandou Jase fazer também.

— Entendo, — digo sem rodeios. — Ele é o seu pai. Claro que você quer ser leal a ele.

Jase mostra dor. — Querer? *Ter*. Você acha que é a única presa aqui sem saída?

Eu engulo grosso e sento lá, meu coração batendo no meu peito.

Nada de protegê-lo.

Sendo mantidos como reféns por ele.

Tudo faz sentido agora.



Ficamos na casa de vidro por horas, acabamos falando de coisas mais leves, deixando apenas quando o sol decide escorregar abaixo do horizonte. No momento em que fazemos algo definitivamente mudou entre Jase e Sammi. Que é uma coisa maravilhosa para se agarrar entre a loucura que estou me afogando.

Quando eu finalmente entro em colapso na cama grande de Dornan à meia-noite, embriagada e exausta, só posso esperar que ele fique longe outro dia.

Doze

Quando acordo de manhã, ainda estou sozinha. Graças a Deus por pequenos milagres. Depois de passar um dia abençoado com Jase, a última coisa que eu quero fazer é acordar para um pesadelo. Tenho um buraco no fundo do meu estômago quando acordo a tensão nervosa, enjoativa que algo está errado. Eu me pergunto se é porque Elliot está enlouquecendo tentando entrar em contato com o meu inútil telefone esmagado.

Há uma batida suave na porta e sento tensa para quem pode estar lá, e desejando que eu tivesse uma arma. Relaxo quando Jase enfia a cabeça para dentro.

— Acordou?

— Sim, — respondo, me estendendo preguiçosamente. Levanto-me, iluminando quando vejo que ele está segurando uma bandeja com dois copos de café.

— Meu pai está em seu caminho de volta—, diz ele. — Deve chegar a qualquer minuto. Você quer café da manhã? — Ele segura um saco de papel marrom. — Peguei bagels.

Eu amo bagels. — Claro, — digo. — Deixe-me trocar de roupa.

— Encontramos no telhado, — diz ele, deixando o meu café na cômoda ao lado da porta.

Eu tomo um gole do café quando me troco colocando vestido azul-turquesa sem mangas e com pequenos detalhes em renda na bainha. Tive que comprar um guarda-roupa totalmente novo, quando coloquei meus peitos. Nada de minha antiga vida me cabe mais, que é uma espécie de uma coisa boa. Novas roupas para uma nova identidade.

Deslizo meus pés em claros chinelos de plástico e amaro meu cabelo em um coque bagunçado em cima da minha cabeça. Agarrando meus óculos de sol e meu café, eu vou até o telhado.





Esta manhã, a tempestade limpou e a vista do mar é impressionante. Jase tem dois bagels com manteiga e mirtilo e colocou em um saco de papel marrom na borda do edifício, que vem até a minha cintura.

— Obrigada pelo café, — digo, empurrando um pedaço de manteiga na minha boca e seguindo com um gole de café com leite quente. — Aceitaria Cheerios e café instantâneo, mas isso é delicioso.

Jase sorri. — Não tem problema. O primeiro deles é grátis.

— Oh, sério? — Pergunto. — O que o próximo custo?

Ele abre a boca para me responder, mas antes que ele faça, as rajadas de portas abertas da escada de incêndio e vários dos irmãos Ross aparecem. Quase engasgo com o bagel na minha garganta.

— Eles estão aqui! — Chad grita descendo as escadas.

Fico ali, à procura de uma arma para o caso. Eu não sei o que eles estão fazendo. Não confio em nenhum deles por um segundo.

Exceto Jase.

Meu pior pesadelo chega ao topo da escada, amarrado, amordaçado e sangrando.

Foda-se.

Dornan empurra o pobre garoto à frente, e eu corro para eles, assustada.

Isso é ruim. Isto é muito, muito ruim.

— Baby! — Dornan, claramente empolgado com uma mistura de adrenalina e algum tipo de droga, provavelmente crystal meth. — Você tem um dom!

— Dornan, — gaguejo. — O que você está fazendo?

Dornan remove mordaca do rapaz, e agarra a parte de trás do seu pescoço, apontando o seu olhar em minha direção.

— Lembra-se dela, filho da puta! — Demandas de Dornan, saliva voando de sua boca e aterragem no rosto do menino.

— Dornan, não é o que você pensa!

— Cala a boca, — Dornan grita comigo. — Deixe-o falar.

Oh Deus. O que eu vou fazer?

— Dornan, ele não é quem você pensa que é...

— Chad, fechou a porra *da boca dela*, sim? — Dornan aponta para mim e antes que eu possa me mover, Chade esgueira ao meu lado e me agarra em um abraço de urso, com a mão firmemente plantada sobre a minha boca. Eu suspiro incapaz de gritar. Olho para Jase, cujo café da manhã pacífico



foi destruído por todo o tumulto.

— Pop, — Jase diz lentamente, — o que está acontecendo? Quem diabos é esse cara?

— Qual é seu nome, meu filho? — Dornan exige. — Fala!

— M-Michael.

Michael Trevine.

Eu só tenho uma pergunta para você, menina.

O rapaz fica apavorado. Um de seus olhos está inchado, há sangue por todo o corpo, e me pergunto o quanto da longa viagem de volta para Los Angeles foi gasto bater nele.

Lágrimas formam no canto dos meus olhos, quando todo o peso da obsessão de Dornan comigo se torna aparente. Ele me deixou aqui para *isso*. Ele perguntou onde meu ex-namorado estava, e então começou a viajar por todo o país para sequestrar um garoto inocente de sua casa. Um menino que nunca pôs os olhos em mim, um menino que eu encontrei on-line e adicionei ao passado de Sammi para a credibilidade.

Um menino com uma arma apontada para sua cabeça.

Eu luto contra a fortaleza de Chade, mas é inútil. O cara é grande, e ele está, provavelmente, cheirando o pó branco como papai Dornan todo o caminho para casa.

Eu mordo a mão de Chad e ele puxa, gritando comigo.

— Ele não é meu ex! — Grito, lutando contra abraço rígido de Chade.

Dornan olha para mim como um homem possuído. Um homem em uma missão.

— Eu menti, — Suspiro, ainda lutando. — Eu nunca o conheci antes. Por favor, apenas o deixe ir.

Dornan abaixa a arma e me olha de cima a baixo. — Você não precisa ter medo dele mais, — diz ele.

Ele levanta a arma, o dedo pressiona o gatilho.

— Por favor! — Grito.

Minhas súplicas ignoradas.

Ele puxa o gatilho.

Duas coisas acontecem. Em primeiro lugar, o rugido de uma única bala, uma vez que deixa a arma de Dornan e entra na parte de trás da cabeça do menino. Em segundo lugar, quase ao mesmo tempo exato, estou regada com uma fina névoa de sangue e que eu acho que são pedaços de crânio de Michael Trevine.



Michael cai no chão, imóvel. A nuvem vermelha em torno de sua cabeça cresce rapidamente, atingindo meus chinelos. Eu grito e Chad me libera, deixando-me cair no chão. Rastejo através do sangue e pedaços de crânio para chegar ao menino morto, embalando-o em meus braços. Ele é pesado, um peso morto, porque ele está morto. E a culpa é minha.

Eu seguro o menino no meu colo e percebo seus olhos ainda estão abertos.

Foda-se.

Com os dedos trêmulos, eu chego e pressiono suas pálpebras fechadas.

Sinto as mãos sobre os meus ombros, me puxando para longe, e leva tudo dentro de mim não chutar e morder Dornan quando ele me leva embora. Ele puxa a minha roupa e me coloca no chuveiro, onde se amontoa em uma bola e olho para as linhas de rejunte que separam cada azulejo branco.

Você não tem que ter medo de mais dele.

Eu faço um som de soluço estrangulado, mas nada muito sai da minha garganta, exceto um que secou grito patético.

Dornan me puxa do chuveiro, me enrola em uma toalha e me leva para a cama, onde ele me senta.

— Você entende o quanto eu me importo com você agora? — Dornan pede com a garganta arranhando. Suas mãos estão em cima de mim, febril, e eu não revido quando ele me pressiona para baixo em cima da cama.

Eu só estava ali, em estado de choque, os lábios na minha garganta e suas mãos itinerantes em cada centímetro do meu corpo chocando.

— Você sabe por que eu fiz isso? — Ele respira no meu ouvido quando ele agarra meus quadris e entra de mim.

Minha respiração engata em minha garganta quando ele começa a empurrar para dentro de mim, e eu sinto uma única lágrima para o lado do meu rosto.

— Porque eu sou sua, — sussurro na escuridão.

Treze

Se eu acho que assistindo Michael morrer na minha frente por uma mentira descuidada que eu





criei é ruim, o dia depois é horrível.

Dornan é alto, o sangue em suas mãos corre longe, mas ainda deixando impressões de mãos invisíveis por todo o meu corpo que soletra *assassino*.

Porque a culpa é minha. Eu nunca deveria ter usado o nome de uma pessoa real no meu passado falso, eu deveria ter apenas mentido.

Parece que a única coisa que deixa Dornan mais excitado do que uma menina fazendo testes para um trabalho, é matar seu suposto ex-namorado. As horas depois que ele atirou em Michael são, possivelmente, ainda piores do que a noite, há seis anos, quando Dornan e seus filhos se revezavam para me estuprar. Porque, pelo menos, então eu poderia lutar.

Pelo menos assim eu poderia gritar.

Agora, aqui, é como se eu estivesse em um inferno que nunca vou escapar. Seis anos de pesadelos veem à vida no espaço de algumas horas incrivelmente torturantes.

Dornan é alto e ele quer foder.

— Qual o problema, menina? — Ele continua me pedindo mais e mais quando eu estava de costas, sendo fodida, incapaz de me mover.

Eu só tenho uma pergunta, menina.

Depois que já se arrastou por uma hora ou talvez mais, eu limpo minha garganta crua.

— Pare, — imploro.

Ele não para.

Empurro o peito quente longe do meu. Não posso respirar. Vomitei meu café da manhã no chuveiro enquanto eu observava sangue e pedaços de crânio lavando de Michael da minha pele e derivando preguiçosamente pelo ralo, se indo para sempre. Estou trêmula e faminta.

Por um momento, acho que ele vai parar dar um pequeno descanso antes de começar de novo.

— Por favor, — pergunto. — Por favor, pare por um minuto.

Ele não para.

São as drogas, percebo. Ele está frustrado. Ele está duro e ele está excitado e as drogas estão impedindo de ter uma versão do que ele precisa tão desesperadamente para se acalmar.

— Pare! — Grito, empurrando seu peito com toda a minha força. Surpreendentemente, ele não olha no chão quando eu suspeitava que ele fosse, mas tira a si mesmo de dentro de mim e rola para o lado, chegando a uma posição de pé ao lado da cama. Fico em meus joelhos até meu peito e vejo com horror quando ele puxa uma arma preta brilhante de sua mesa lateral.





É só agora que eu vejo que todo seu corpo está tremendo, equilibrado precariamente à beira de uma overdose.

— O que você fez? — falo com calma, sentando ao lado da cama. Estou alarmada. Ele não pode morrer, não agora, não antes que ele sofra por mim. Seria muito fácil para ele apenas morrer antes que eu o faça se arrepender de alguma vez encontrar o meu pai.

Ele não respondeu, apenas começa a andar pela sala, seu pênis ainda ereto na frente, o dedo indicador nervosamente saltando contra o gatilho de sua arma.

— Dornan, você precisa se acalmar, — digo ainda em estado de choque e não querendo provocar para ele atirar em mim também. — Você tomou alguma coisa.

— Algo puro, — diz ele, — muito puro. Nós temos que cortar...

— Ei! — Digo em voz alta, tentando cortar seu monólogo incoerente.

Ele oscila ao redor e pressiona a ponta da arma na minha testa. Suspiro.

— Por que você veio aqui? — Ele pergunta sua respiração curta e afiada. Ele está com raiva. Irritado e nervoso.

Atenha-se a história.

— Eu não tinha outro lugar para ir, — digo, sinceramente, e era verdade. *Eu não tinha mais para onde ir.*

— Você sabe o que eu fiz por você? O risco que tomei? — Eu aceno.

— Sei. Obrigada por me proteger. — As palavras estão saindo da minha boca antes que eu possa sequer pensar. Eu faria qualquer coisa para tirar a arma da minha cabeça e acalmá-lo.

— Porra, eu arrisquei tudo por você, e você não se importa?

Oh Deus. Oh DeusDeusDeusDeus.

— Eu me importo, — digo, e faço a única coisa que posso pensar em fazer para acalmá-lo. Tomo seu pênis em minhas mãos e começo a acariciar para trás, fazendo um punho apertado. Ele parece relaxar quase imediatamente, mas não tira a arma. Eu olho para ele através dos meus cílios e vejo seu rosto ainda incrivelmente tenso, seu corpo se contorcendo com muita energia acumulada e metanfetamina de alto grau.

Tenho que fazer alguma coisa. Tomo seu pênis e guio suavemente para minha boca, provocando a parte inferior com a ponta da minha língua. Todo o seu corpo ainda está tremendo, mas ele geme e deixa a arma de lado, sua outra mão acariciando meu cabelo.

Eu continuo indo, grata que eu pelo menos não tenho que olhar para ele. Finjo que somos outras



peças, em outro lugar, e isso também faz com que seja mais fácil para continuar. Suspiro de alívio quando a arma faz barulho no chão e ele usa as duas mãos para agarrar os lados da minha cabeça.

— Baby, — ele geme, balançando os quadris no ritmo, seu pau duro como nunca.

Engulo todo, tanto quanto a minha boca pode ser aberta, e de repente ele fica tenso. — Ohhhh, — eu o ouço dizer o sêmen tão quente atinge o fundo da minha garganta. Leva todos os músculos do meu corpo bloqueando rigidamente para que eu não engasgue. Estou de repente dominada por uma sensação claustrofóbica, presa que vai desde a boca até o fim de meu estômago.

Dornan cambaleia para trás, com um sorriso satisfeito no rosto bonito. Engulo grosso, olhando ao redor da sala por alguma coisa, qualquer coisa, para tirar seu gosto fora da minha boca. Vejo meu café meio bebido de manhã inocentemente no criado-mudo. Não tenho nenhuma ideia de como ele chegou aqui. Eu o pego e tomo um gole do líquido frio, suspirando enquanto ele inunda minha boca com açúcar e amargura. Meu olho percebe algo no copo e eu olho mais perto.

Eu tremo.

Uma névoa fina de camadas de sangue do isopor, e eu largo o copo no chão como se tivesse me queimado.

Coloco a mão na boca e vejo que um pouco do sangue é salpicado em minha palma. Desgostosa, eu limpo a minha mão sobre os lençóis escuros. Olho para cima para ver Dornan já dormindo de face para baixo sobre a cama, no espaço de cerca de dez segundos.

Termino de limpar a minha mão e pego um jeans skinny e uma camiseta preta de grandes dimensões impressas com uma caveira e ossos cruzados da minha mala no final da cama. Eu me visto de forma rápida e na ponta dos pés saio para a sala tão silenciosamente como posso. Fazendo meu caminho para o telhado, eu tomo as escadas de dois em dois. Preciso de ar fresco em meus pulmões ou vou gritar.

Empurrando a porta da escada de incêndio, e estou ofegando audivelmente. Estou a dois passos do lado de fora quando percebo meu erro na escolha de visitar a casa de Michael. Tento fazer o backup quando descubro que me esqueci de segurar a escada de incêndio aberta. *Foda-se*. Eu estou presa aqui, com o sol da tarde batendo em meu crânio, sangue aos meus pés. *Pelo menos eles levaram o corpo embora*.

Não posso olhar para o chão ou vou vomitar, e eu não tenho nada no meu estômago. O concreto ainda está úmido com os esforços de alguém lavar com uma mangueira o sangue para fora, e eu tremo quando penso no sangue do pobre garoto agora revestindo todo o piso do telhado em detalhes





microscópicos. Concentro-me na frente brisa do mar, o brilho do sol da tarde em cima, o mar lambendo preguiçosamente na praia a poucos quarteirões à frente. Estou muito preocupada com a visão, inclinando contra a parede de cintura alta com as palmas das mãos segurando as bordas afiadas de tijolos, que eu quase caio do lado do edifício que ouço um estrondo atrás de mim.

Assustada, viro para ver de onde o barulho veio. É Jase. Ele parece preocupado. Quando o vejo, quase choro. Mas eu não faço. Engulo as lágrimas amargas e volto para o ponto de vista de Venice Beach, incapaz ou sem vontade de olhar para ele. Eu não tenho certeza de qual.

Eu o sinto assumir um lugar ao meu lado e vacilo quando ele passa alguma coisa na frente do meu rosto.

— Ei, — ele diz, me firmando com o mais leve toque de sua mão em meu ombro. — Eu limpei seus óculos de sol. Não caia do telhado, ok?

Eu pego os óculos de sol e coloco, aliviada que o sol latejante é agora um pouco menos intenso.

— Onde você esteve? — Ele pergunta.

Pressiono meus dedos nos tijolos afiados, para me impedir de quebrar.

— Com o seu pai, — mordo fora.

Agora eu sou a única a tremer. Minha pele está lisa com suor e calor irradiando de mim, mas estou tão fria, meus dentes estão batendo.

— Ei, — diz Jase, e posso ouvir a preocupação em sua voz. — Vamos. — Ele aperta a mão na parte baixa das minhas costas, como se para me levar para longe da borda, e eu recuo, afastando de sua mão. Ele segura as mãos em um gesto de súplica e encolhe os ombros.

— Eu estava apenas indo para tirá-la daqui, isso é tudo, — diz ele. — Está com fome? Eu posso pegar um pouco de comida.

Comida. Meu estômago decide por mim. Eu sigo cegamente para a estufa, tropeçando em pés descalços e longa calça de brim, na ponta dos pés em torno da parte mais molhada do concreto, o lugar onde Michael Trevine sangrou.

— Aqui. — Ele aponta para uma cadeira gasta de couro marrom que não estava lá ontem. — Sente-se aqui. Vou pegar alguma coisa para comer. Eu posso ouvir seu estômago roncando de fome daqui.

Afundo na cadeira, grata pelo peso das minhas pernas. Aperto os braços de couro e o tempo passa, o quanto eu não tenho certeza. O único ponto de referência que eu tenho é o sol, que se move na minha frente. Estimo que é cerca de cinco horas da tarde quando um pensamento de repente bate em



meu cérebro como um trem de carga.

Elliot.

Merda. Preciso ligar para ele. Preciso ir até ele. Porra direto *agora*. A vontade de fugir deste lugar tem me coçando toda. Eu quero sair. Eu quero sair. *Euprecisosair*.

Jase retorna depois de um tempo, equilibrando um prato do que parece ser uma espécie de guisado de carne com purê de batata. Tem cheiro de minha infância.

Foda-se. Eu não posso fazer isso.

— Carol estava servindo o jantar para os meninos, — diz ele, entregando-me o prato e um garfo. Pego o prato, a minha fome bate as emoções que sinto com a perspectiva de minha mãe cozinhar esta refeição para os irmãos Ross alguns cômodos de distância, enquanto eu estava dando ao assassino de meu pai um boquete. Eu como o prato em tempo recorde e considero brevemente lambê-lo. Se estivesse sozinha, eu definitivamente faria.

Coloquei o prato nos meus pés e olho em frente sem expressão.

— Você está bem? — Jase me pergunta sua voz cheia de medo.

— Não, — respondo.

— Eu disse, meu pai pode ficar muito obcecado às vezes. Apenas... cuidado com o que você diz a ele, ok?

Concordo com a cabeça distraidamente, mordendo meu lábio.

— Eu sinto muito pelo que aconteceu. Realmente. Meus irmãos são como ele. São animais às vezes.

Sei disso.

— Existe algo que eu possa fazer por você...? Conseguir para você?

Eu não respondo.

— Samantha?

Eu rasgo o meu olhar do chão para encontrar seus olhos comprimidos. — Eu quero sair daqui, — digo a ele. — Só por algumas horas. Só para refrescar. Você acha que pode me ajudar com isso?

Eu tenho que ir para Elliot, antes que ele venha me procurar aqui. Eles vão matá-lo se ele aparecer, eu tenho certeza disso.

Jase balança a cabeça, aparentemente aliviado por eu ter quebrado para fora do meu estupor para responder a ele.

— Sim, — diz ele, batendo no meu punho fechado com a mão. — Vamos sair daqui.





Quando eu não passei ele pôs a mão na frente do meu rosto. — Terra para Samantha?

A forma suave que ele disse *Samantha* faz meu coração saltar um pouco.

— Por que você não me chama de Sammi? — Pergunto quando ele oferece a sua mão e puxa para os meus pés.

Ele franze as sobrancelhas. — Eu não sei. Samantha é elegante. Combina com você melhor.

— Elegante, — repito. — Pfft. Eu não sei de onde você tirou essa ideia.

Ele olha para mim com um olhar sério sobre o seu rosto, ainda franzindo a testa. — O que? — Digo.

Ele encolhe os ombros. — Você realmente não pertence aqui, em um lugar como este. Eu pensei nisso no momento em que vi você.

Você não tem ideia de como você está errado.

— Eu cresci em um lugar como este, — respondo. — Era como em casa.

Ele não me respondeu, mas seus olhos estão cheios de perguntas. Cheio de preocupação. Completas do passado.

— Vamos lá, — digo. — Vamos sair daqui antes que seu pai acorde.

Quatorze

Sigo Jase descendo as escadas e andando através da cozinha. Eu não olho para o garçom, a última coisa que eu quero ver é a minha mãe quando saio, e não sei se vou voltar.

Estou com medo.

Esqueci como Dornan Ross era louco.

E eu não consigo tirar a imagem de sangue e massa encefálica do pobre do garoto da minha mente.

Quando Jase vira à esquerda no corredor, eu hesito.

— Vamos lá, — diz ele. — Minha moto é aquela.

— Oh, — digo. — Eu pensei que iria de carro ou algo assim.

Ele sorri e me olha de cima a baixo. — Nós estamos em um clube de motociclista, *Samantha*, não um clube de maldita minivan.





— Eu não tenho um capacete. Ou um casaco. — Olho para os meus pés descalços. — Ou sapatos.

Jase apenas ri quando ele continua andando pelo corredor. — Você acha que você é a primeira garota que andou sem capacete, jaqueta, ou sapatos?

Bem, eu não tenho nada a dizer sobre isso. Acabei de dar de ombros em resposta.

Jase desliza a porta de aço grossa no final do corredor aberto, e me leva para dentro. Eu imediatamente sinto o cheiro de óleo, couro e suor se misturando. Olho em volta, vendo a impressionante linha da Harley Davidsons que está de dois a três metros de profundidade na garagem enorme.

— Isso é um monte de motos, — respiro, piscando sob as luzes fluorescentes duras que iluminam o espaço do tamanho armazém.

Jase vai até a parede oposta e vasculha uma bacia clara cheia de capacetes. Pega um fora, e gesticula para eu vir. Enfio e ando cuidadosamente através do labirinto de metal, consciente de que se eu bater em uma moto vai começar um efeito dominó de proporções épicas.

Ele coloca o capacete em cima do balcão ao lado dele e me entrega tênis de lona branca das mulheres. Eles são, no mínimo, um tamanho muito grande para mim, mas eu curvo para amarrá-los bem para que possam ficar em pé.

Em seguida, ele pega uma batida jaqueta de couro cor de chocolate de um gancho acima do balcão e passa para mim. Eu dou de ombros para ele e encontro o zíper, puxando-o para o meu queixo.

— Aqui, — diz ele, e monta o capacete aberto na minha cabeça. — Como está?

Estou prestes a responder, mas a porta está aberta novamente arrastando vozes preenchendo o espaço outrora pacífico.

É dois dos irmãos Ross, Chad, que colocou sua mão sobre a minha boca enquanto eu gritava para Dornan poupar uma vida inocente, e Mickey, o quarto irmão.

Eles estão conversando de forma animada, cada segunda palavra *Caralho*, quando colocam os olhos em mim.

— Ei, querida, — diz Chad, caminhando através das motocicletas em silêncio, para onde estamos. — Aonde você vai?

Jase olha para ele sem uma única gota de amor fraternal. — Vou levá-la para uma volta, Chade, — ele fala. — Nada para você se preocupar.

Chad desliza entre seu irmão e eu, forçando Jase dar um passo atrás. Seu peito é pressionado no



meu, mas eu defendo minha terra, olhando para ele através de uma névoa de memórias violentas, meu queixo definido teimosamente.

— Sinto muito pelo seu namoradinho, — diz ele com um largo sorriso, não arrependido. Ele corre um dedo pelo meu braço, do ombro ao pulso, e sorri quando eu sacudo a minha mão.

— Sinto muito pela sua pequena mão, — respondo, sem tirar os olhos dele por um segundo.

Seu sorriso aparece e por um momento eu tenho a estranha sensação de que ele vai vir em cima de mim. Em vez disso, ele se inclina bem perto, para que eu possa sentir sua respiração no meu rosto. Cheira enjoado, como aroma de abacaxi ou aquelas bebidas energéticas ultra-cafeinadas.

— Eu sei o que você está fazendo, — diz ele ameaçadoramente. — Você acha que pode vir aqui porque você está transando com o meu Pop? Não é assim tão simples doce. Existem regras por aqui.

Levanto as sobrancelhas e rio, enervando. — A cabeça do seu pai está sobre meus saltos. Duvido muito que você tenha a dizer vai influenciar sua mente.

O sorriso reaparece em seu rosto, e ele me bate contra a parede com força bruta, plantando as mãos em cada lado para que eu esteja efetivamente presa.

— Ei! — Jase grita, tentando puxar seu irmão fodido longe de mim.

Mickey de repente aparece e puxa Jase pela parte de trás da camisa. — Ele não vai machucá-la, irmão, — diz ele. Ele parece irritado e entediado. Todo mundo aqui é sempre ou cruel ou entediado.

— Sim, — Chad desenhou, moendo contra mim. O movimento não era sexual tanto como dominador. — Eu não vou machucá-la, irmãozinho. — Com isso, ele puxou minha camiseta preta com uma mão e rasgou o plástico transparente do meu estômago com a outra.

Foda-se.

A iluminação é tão brilhante aqui, e a coloração não está terminada. Ele pode ver minhas cicatrizes?

Ele raspa a mão calejada ao longo do comprimento da minha tatuagem recém-feita, fazendo-me estremecer. Ele estuda o design, apertando e cutucando, antes de deixar a minha blusa cair novamente, aparentemente satisfeito.

— Bonita tatuagem, — diz ele, mostrando os dentes em um sorriso cruel.

— Obrigada, — cuspo de volta. — Se você quiser vê-la, tudo o que tinha que fazer era pedir.

— Eu não peço doce. Eu faço. E sabe o que mais eu tenho a dizer?

Reviro os olhos. — Tenho certeza de que você está prestes a dizer.

Ele se inclina para perto e sussurra em meu ouvido. — Quando você fica com raiva, você perde



aquele pequeno sotaque sulista que você fala, querida.

Visivelmente eu não reagi, porque já sei que ele suspeita de mim, mas por dentro fico fria e cheia de medo.

— Esse menino Michael nunca viu seu rosto vadio em sua vida, — ele cospe. — Estou em você, querida. E quando eu descobrir o que você está tramando, é game over para você.

Eu não respondo. Qualquer argumento que apresentar vai tocar como atitude defensiva. Eu acho que de dez retornos diferentes, e cada um deles faz parecer culpada.

— Você está louco, — digo ao invés.

Ele sorri e dá um passo atrás, ainda me observando de perto. —Loucura inteligente—, ele responde. Seus olhos parecem engraçados, e estou supondo que ele está tão alto quanto Dornan esteve quando ele foi insaciável, esta manhã.

— Isso é o suficiente, — diz Jase, empurrando seu irmão de lado. Desta vez, Chad deixa rindo.

— Você gosta dela, irmãozinho? — Ele brinca. —Você quer transar com ela? Porque Pop não compartilha suas mulheres com seus filhos.

Jase ignora, entregando o meu capacete e me guia pela mão até sua moto, que fica em um mar de motos idênticas.

— Veja se tem armas! — Chad pede a seu irmão, rindo como um idiota. Pesquise as cavidades da cadela, caso ela tenha uma faca escondida lá em cima em sua boceta.

Eu viro minha cabeça para olhar para ele, e ele sorri. Lembro-me daquele sorriso. É o sorriso de mil pesadelos. O sorriso de alguém sem alma. O sorriso de um filho primogênito, que deram uma virgem ao estupro como penitência pelos pecados de seu pai.

Como o irmão mais velho, foi dada a Chad luz verde para ir a primeiro lugar. Seus irmãos mais novos me prenderam, um em cada mão e outro segurando meus pés.

Os olhos de Chad iluminaram como uma criança na manhã de Natal, quando ele se aproximou de mim, abriu o zíper de seu jeans e sua ereção completa e firme em sua mão.

— *Tem certeza que você não quer fazer isso, pai?* — *Ele perguntou a Dornan, com os olhos cheios de luxúria e maldade.*

Dornan riu e balançou a cabeça, batendo em seu filho mais velho nas costas. Meus olhos se arregalaram quando ele abaixou para mim e forçou sua perna entre as minhas coxas, criando uma juntura.

Eu fiz a única coisa que poderia pensar em fazer. Eu comecei a implorar. — Por favor, não





faça isso, — implorei a ele. — Chad, por favor. Eu nunca... nunca fiz isso antes. — Vergonha por ser exposta na frente de oito homens me fazendo corar e comecei a chorar de novo.

Chad sorriu aquele sorriso, e comecei a lutar contra as mãos que me seguraram. Eu rebojava e gritava como um animal selvagem presa em uma armadilha quando Chad drapejou sobre mim, um brilho perverso nos olhos. Apertei meus olhos fechados, não querendo ver o que eu sabia que ele estava prestes a fazer.

E, em seguida. Dor. Queimando, queimando dor que nunca mais parou. Parecia que eu iria quebrar ao meio. Gritei tão alto, minha garganta parecia que entraria em colapso. Uma mão cobriu minha boca, abafando meus sons, e eu mordi aquela carne macia, sufocando quando provei acobreado diante da primavera sangrenta.

— Cadela! — Chad gritou me socando na mandíbula tão forte que senti a fenda óssea. Eu dei um ruído ininteligível como algo macio, algum tipo de tecido, recheando em minha boca ainda os meus gritos.

— Bem, eu vou ser mal, — Chad gemeu, quando queimava e eu chorava. — A putinha apertada estava dizendo a verdade.

Eu rasgo meu olhar de Chade, uma carranca no rosto, e olho com impaciência quando Jase chuta sua moto e a liga. Ele ruga para a vida, o doce som de uma Harley rugindo e os gases escapando conjurando uma vida inteira de memórias mais felizes do meu pai. Concentro-me tentando desesperadamente não escorregar de volta para outra memória, determinado a não deixar Chad me levar ao antes de eu mesma travar uma luta. Jase acena com a cabeça para o lado e eu balanço minha perna sobre o assento da moto, arrastando para frente e passando os braços em torno de sua barriga dura.

No minuto em que meus pés estão firmemente apoiados sobre os pinos de passageiros, Jase decola, e eu seguro mais apertado quando ele acelera. Ele manobra a moto habilmente através da pilha de outras máquinas reluzentes, até que estamos na porta. Ele pega um controle remoto do bolso e aperta um botão sobre ele, enviando a porta rolando para o céu. Luz solar afoga a luz artificial e eu aperto os olhos sem meus óculos de sol.

Todo o meu corpo relaxa, enquanto deixamos os limites do clube e a movimentação com o portão aberto, a moto abraçando a estrada quando Jase cavalga com precisão e habilidade. Posso sentir um sorriso crescendo mais amplo sobre o meu rosto enquanto meus cabelos como chicotes longos batem atrás de mim, minhas pernas confortavelmente em volta do primeiro menino que amei. Mesmo





que ele não saiba quem eu sou, mesmo que ele nunca possa saber... neste momento, apenas ficar a sós com ele, numa estrada aberta, é suficiente para mim.

Depois de chegarmos a poucos quilômetros, Jase retarda a moto e estaciona. Sorrindo, ele vira a cabeça e fala. — Para onde? — Ele pergunta. *Elliot*.

— Eu preciso começar a pintar essa tatuagem, — digo alto o suficiente para que ele possa me ouvir sobre o rugido do motor. — Lost City tatuagens?

Ele balança a cabeça e volta para a estrada, verificando seus espelhos, e decola novamente, destinado para Elliot e suas agulhas e suas perguntas.

Acho que preciso de uma bebida.

Quinze

Eu andava casualmente pela calçada, Jase ao meu lado. Eu era um feixe de nervos me contorcendo com a perspectiva de Elliot mastigando a mim, mas por fora tento parecer legal, calma e recolhida.

— Aqui estamos nós, — digo na porta do estúdio de Elliot, entregando a Jase meu capacete. — Encontre-me aqui em algumas horas?

Jase pareceu desconfortável e olhou a calçada em ambos os lados.

— O que? — Pergunto a ele.

Jase respira fora de forma audível. — Se você ficar, meu pai vai te matar. Literalmente.

— Espere, você acha que eu vou correr?

Jase encolhe os ombros. — Eu, se fosse você iria.

Eu aponto para um Hooters do outro lado da estrada. — Você pode manter um olho em mim e pedir uma cerveja para as meninas quentes, — digo. — O que você acha?

Ele muda de pé para pé. — Vou entrar com você, — diz ele.

— Espere, — digo, colocando a palma da mão plana contra seu peito. — Se você quer saber, eu meio que... chorei última vez que fiz uma tatuagem. E ele me disse que a coloração é pior do que o contorno.





Jase relaxa perceptivelmente e dá passos para trás. — Tudo bem, — diz ele. — Bem, vou estar do outro lado da estrada.

Sorrio docemente. — Obrigada.

Espero pacientemente até que ele cruze a estrada, aceno e respiro profundamente, empurrando a pesada porta de vidro do estúdio de Elliot. O sino acima da porta assinala que alguém entrou, e eu salto metros no ar.

Elliot está tatuando uma borboleta em parte inferior das costas de uma mulher quando entro e ele me nota imediatamente e para o seu trabalho, a arma fazendo barulho na bandeja ao lado dele.

— Ok, — ele diz a ela. — acabamos por hoje. Certifique-se de dar uma ligada na próxima semana e marcar para podermos acabar.

A senhora senta, com uma expressão de confusão no rosto. — Você não vai acabar com isso agora? — Ela pergunta.

Elliot esguicha sua pele com uma camada de solução antisséptica e prende um pedaço de gaze plástica apoiada no topo. — Não, — diz ele. — Você está sangrando muito. Você andou bebendo, minha senhora?

O olhar de culpa no rosto fornece uma resposta. Elliot gentilmente, mas firmemente a empurra para fora da porta, prometendo que ele terminará apenas na próxima semana. Depois que ela sai, ele gira ao redor para me encarar.

— Onde *inferno* você esteve? — Pergunta ele, sua expressão frustrada.

Eu sorrio no caso de Jase pode nos ver daqui. — Nós estamos sendo observados, — digo a ele através do meu sorriso de algodão-doce. — Você vai me levar de volta lá e pintar, ou o quê?

Todo o seu comportamento muda quando ele entende que há olhos em nós, e ele aponta para a mesa que a velha senhora esteve prostrada em apenas momentos antes.

Tiro minha camisa e penduro sobre o assento ao lado da mesa, os meus seios cobertos por um sutiã preto liso que está lutando para conter sua ampla dimensão. Elliot parece um pouco confuso, e sorrio maliciosamente. — Você gosta deles? — Pergunto a ele, esperando para morder. — Eu paguei por eles um bom preço.

— Cale a boca e fique em cima da mesa, qualquer que seja o seu nome —, diz ele, e não posso dizer se ele está se divertindo ou aborrecido.

Eu me iço para cima da mesa e deito, fazendo uma careta quando rasgo meu curativo fora de uma vez. — Eles são apenas peitos, El, — digo, deitando contra o plástico estridente.





Sete Irmãos

Lili St. Germain
Série Gypsy Brothers 01

Ele leva um momento para olhar para eles com ar de dúvida antes de deslocar sua atenção para o meu rosto. — Eles são quentes. Eu não quero falar sobre seus peitos, no entanto. — Ele agarra um saco plástico aberto e retira uma agulha de uso único repleta de tinta que vai manchar a minha pele permanentemente.

— Quero falar sobre onde diabos você esteve por três dias não atendendo às minhas ligações. — Suas palavras são amargas e posso dizer que ele pensou em mais nada a não ser eu e minha segurança desde que sai daqui a três dias atrás.

— Sinto muito, — digo em voz baixa. — Eles pegaram meu telefone e quebraram.

— Bem, você está bem? — Ele pergunta sua voz se esforçando para parecer normal, sob o peso de seu desespero. Seus olhos azuis são oceanos de preocupação e mágoa, e tenho que desviar o olhar antes que eu realmente chore.

— Estou bem, — digo. — Eu fiquei lá dentro. Eles compraram a minha história. É isso.

— Só isso? — Elliot para desastrado com as agulhas e pacotes e olha para mim interrogativamente. — O que quer dizer, é isso?

Eu cerro os dentes e tomo uma respiração profunda, os acontecimentos dos últimos três dias um recorde quebrado de dor, sangue e luxúria que aparecem repetidamente na minha mente confusa. Eu não posso contar sobre Michael. Ele nunca iria falar comigo se soubesse das profundezas da minha traição.

— Dornan gostou de mim imediatamente, — digo com uma voz monótona. — Ele gostava de mim um pouco demais.

As mãos de Elliot estão vazias e posso ouvir suas unhas cavando o plástico duro que cobre a mesa que eu estava em cima. — Julz... — ele rosna.

Lágrimas quentes enchem meus olhos e olho para ele com raiva. — Não me chame assim, — digo violentamente. — Você nunca me chame assim, entende? Você quer que sejamos mortos?

Ele deixa de ir à mesa e balança a cabeça. — Ele machucou você? — Pergunta os punhos em bolas apertadas.

— Sim, — digo honestamente, piscando as lágrimas. — Mas eu deixei. É tudo parte do ato.

Ele vai agarrar os meus ombros e olho para a porta da frente em alarme. — Jason está assistindo, — digo em voz alta, vejo Elliot usar cada reserva única de força que ele tem para se afastar de mim e recolher sua arma de tatuagem do balcão. Ele prepara as agulhas, cada uma com um corante que em breve estará na minha pele.





— Como você o convenceu a ficar lá fora, de qualquer maneira? — Elliot está louco de raiva, mas tenta uma conversa normal, ao mesmo por um tempo. *Super.*

Estico na cama de plástico macio. — Eu disse a ele que chorei a última vez que fui coberta, e que seria muito embaraçoso para mim, se ele visse.

Elliot sorri, apesar de seu discurso antes, sua agulha posicionada no meu osso íliaco.

— Então, — ele pergunta friamente: — Você vai chorar?

Eu cerro os punhos quando ele começa a arrastar as agulhas afiadas através da carne sensível, cheia de cicatrizes que cobre o meu osso íliaco. — Claro que não. É preciso mais do que uma arma de tatuagem para fazer essa garota chorar.

Dezesseis

Três horas mais tarde, a minha tatuagem está completamente sombreada, pretos e vermelhos escuros um redemoinho de padrões e escorrendo sangue em toda a minha barriga. Estou suando, e minha pele está, simultaneamente, entorpecida e gritando em chamas, cada nervo chorando seu próprio protesto confuso.

— Pensei que isso não era para machucar, — perguntei a Elliot enquanto aplicava um novo curativo. — Pensei que eu estava destinada a ter uma enorme corrida ou algo assim?

Elliot fez uma pausa, olhando para as novas contusões azuis e roxas em torno de meus pulsos, onde Dornan me prendeu à cama depois que ele atirou em Michael.

— Seu corpo só tem muita adrenalina, — diz ele, tomando meu pulso e estudando a carne com um olhar indecifrável no rosto. Ele passa os dedos quentes levemente em todas as contusões, uma carranca profunda fixada em sua testa. — Você provavelmente já usou tudo.

O barulho da porta da frente me assustou, e olhei para cima para ver Jase no balcão da frente da loja. Ele olha com cuidado, obviamente notando a ternura com que Elliot está tocando meus pulsos machucados.

— Você fez? — Ele pergunta. Concorro com a cabeça ansiosamente, deslizando fora do banco e, cuidadosamente, puxando a minha camiseta por cima da minha cabeça. Estremeço quando o tecido toca a minha pele com tinta, mesmo que o plástico faça uma barreira, ele não para por minha pele de





protestar contra o mero toque.

— Não se esqueça de tomar banho todos os dias e mantenha limpo e seco, — diz Elliot, quando ele, sem dúvida, disse isso mil vezes antes. Ele me entrega um kit pós-tratamento, que inclui compressas de gaze, soro fisiológico, creme antisséptico, e um cartão de visita com o telefone fixo do estúdio impresso na frente em grande número. *Inteligente.*

— Entendi! — digo, andando para a porta, onde Jase espera. Não olho para trás, Elliot. Se eu olhar para trás, estou ferrada.

Lembre-se por que você está aqui.

Meu mantra, um cântico que me mantém sã em tempos de apreensão.

Foda Dornan para sempre. Matar seus filhos. Envie o resto para a cadeia. *Encontre a fita.*

Viver feliz para sempre. *Pfft.*

Nós saímos para um dia que estava quase inteiramente desaparecido, tufos de nuvens escuras penduradas para baixo no céu, esperando que o céu noturno as engula completamente.

— Para onde? — Jase pergunta, baixando os óculos escuros para olhar para mim.

Dou de ombros. — Eu não sei. Estou tipo com fome. Você está com fome?

Jase sorri. — Sim. Liguei para o clube, Pop ainda está dormindo.

Ele deve perceber meu rosto caindo quando ele diz, e aperta os pedais furiosamente. — Sinto muito, — ele gagueja: — Eu não quis dizer...

— Cerveja, — digo a ele em resposta. — Eu poderia realmente beber uma cerveja.

Ele franze a testa e aponta para o meu meio. — Tem certeza que você deveria beber depois de fazer uma tatuagem? Não sangrou muito ou algo assim?

Dou de ombros. — Vamos descobrir.

Ele ri, e o som é doce em um mundo cheio de dor e mentiras. — Vamos lá, então, — diz ele. — Conheço um lugar na praia que você provavelmente vai gostar. Você come comida mexicana?

Penso em quando era adolescente, ia visitar Venice Beach para ficar longe de meus pais, e iria beber cerveja barata e comer nachos depois de nadar no mar por horas e horas. Engulo um nó na garganta e um sorriso. — Parece ótimo, — digo.

Pegamos nosso caminho em direção à praia, apenas algumas centenas de metros de distância, não posso tirar as últimas três horas fora da minha cabeça. A conversa com Elliot era uma montanha-russa, para dizer o mínimo.

— *Qual é o seu plano de jogo, afinal?* — Elliot falou cuidadosamente enquanto pressionava





agulhas afiadas em minha carne.

Eu já estava banhada em suor, meus dedos se enroscaram em torno dos lados da cama. — Eu vou descartá-los, um por um. Dornan por último. — Respirei pesadamente para o zumbido da arma.

— Descartá-los? — Elliot murmurou. — O que quer dizer, exatamente?

Fechei os olhos e ele se afastou de mim, sua arma pronta em sua mão, silenciada por um momento.

— Você quer me dizer que você vai matar todos eles?

Sorrii sombriamente, e poderia dizer que ele estava segurando uma maneira de me convencer do contrário.

— Você deveria ter ficado em Nebraska, — disse ele com os dentes cerrados. — Isso é loucura.

— Por quê? — Eu o desafiei. — Porque eles não merecem morrer?

A arma de tatuagem caiu de lado e ele parecia frustrado. — Porque não deveria ter ser você quem fizesse isso, — disse ele com um ar de finalidade.

— Elliot, — perguntei. — Ei. — Sentei-me e estendi a mão sobre o vazio que nos separava, tocando a tinta complicada que adornava seu braço musculoso.

— Me desculpe, eu não poderia fazer isso por você, — disse ele, olhando completamente derrotado. — Eu queria. Eu não pensava em mais nada. E então...

— Entendo, — eu disse, sentindo que eu não poderia puxá-lo para o meu peito e dar o maior, o mais apertado abraço. Em vez disso, eu me concentrei em seu braço, e as tatuagens que adornavam. Havia estrelas e caveiras, uma garota pin-up bonita, com cabelos loiros, uma boneca Matryoshka, uma foice e uma arma. As aves estavam espalhadas nos espaços não tomados por outros símbolos, e engoli em seco quando percebi que eu estava olhando para a história de sua vida sem mim. Eu escovei meu dedo levemente contra a boneca Matryoshka, certa de que era para a sua filha.

— Você tem algo para viver, El. Algo muito mais importante do que a vingança. Você tem uma família.

Ele sorriu tristemente e olhou para onde meus dedos estavam deitados em sua pele.

— Kayla foi um acidente, — disse ele, esfregando o dedo na boneca Matryoshka. Ele levantou a manga da camiseta e eu vi a palavra Kayla capturada em tinta vermelha rodando em seu ombro. — Mandy queria terminar, mas...

Minha respiração ficou imóvel por um momento em que a palavra ia sair.





— *Eu não iria deixá-la, — ele murmurou. — Disse a ela o que estava realmente querendo ver isso acontecer. Deus me desculpe Julz, — ele terminou, e não me incomodei em corrigi-lo. — Eu não tive a intenção de falar essa merda.*

Sorri através da minha tristeza. — Não se desculpe, — respondi, o meu coração inchado e torcido por Elliot com uma emoção que eu não sentia há anos. — Estou feliz que algo tão bom saiu de algo tão horrível.

Ele relaxou e levantou a arma de tatuagem novamente. —Devemos acabar com isso.

Balancei a cabeça e deitei. — Sim.

Ele pressionou a agulha em cima da minha pele. — Qual primeiro? — Ele perguntou, e eu imediatamente soube que ele estava perguntando. Qual deles que eu ia matar primeiro.

— Chad, — respondi baixinho. — O mais velho. — O pior.

Ele balançou a cabeça e eu tencionei quando ele enfiou bruscamente em minha carne.

Dezessete

— *Ei. Terra para Samantha! — Jase está acenando com a mão na frente do meu rosto. Nós paramos no final do calçadão da praia de Venice e toda a loucura que se encontra ao longo dela. Eu posso ver o cara fazendo malabarismo com fogo, uma mulher filipina de meia-idade cantando um karaokê horrível, e uma abundância de construtores de corpo que ainda trabalham fora no banco de equipamentos de ginástica de metal que fica na areia.*

Memórias passam como um dilúvio de uma adolescente. Ele ainda cheira igual. Eu tenho que me forçar a prestar atenção a Jase quando ele fala.

— Você quer comer? — Ele pergunta.

Eu balancei minha cabeça. — Vamos nadar, — digo, indo para o oceano como um ímã. Chuto meus sapatos emprestados fora e deixo na calçada, dando um passo para dentro da areia gloriosamente quente. Ele parece feliz. Ele se sente em casa.

Jase sorri. — Não temos trajes de banho.

Eu dou de ombros. — Minha calcinha vai funcionar, — digo, puxando minha camisa e jogando no chão ao lado dos sapatos. Abro minha calça e remexo, chutando na pilha também. Estou vestindo





apenas um sutiã preto e calcinha combinando de corte biquíni, e sei que estou bem.

Olho para trás para Jase e rio. — Vamos lá, — digo. — A menos que você esteja com medo.

— Com medo de ser preso, — diz ele diabolicamente. — Eu não uso cueca.

— Oh,— digo, levantando uma sobrancelha. — Bem, pelo menos role o jeans e entre na água comigo.

Eu o deixo na calçada, xingando em suas botas amarradas, enquanto ele tenta retirá-las, e corro pela areia para a água. Mergulho sob a superfície, mantenho meus olhos bem fechados caso minhas lentes de contato saiam. Entre minha tatuagem, minhas lentes de contato, e tentando lembrar meu nome falso, manter este disfarce está começando a ficar realmente irritante. *E isso é só o começo.*

Saio à superfície novamente e chuto minhas pernas, a água salgada uma limpeza bem-vinda aos horrores dos últimos dias.

Jase paira na beira da água. Seus dedos mal se molham. Ele tirou sua jaqueta de couro e camisa, e posso apreciar seu abdômen construído a partir de onde eu flutuo preguiçosamente. O menino desengonçado que deixei se transformou em um homem muito atraente. Suas tatuagens são completamente diferentes de Elliot, principalmente gangues e quando ele se vira para olhar para a praia, vejo sua a tatuagem igual à de seus Irmãos. Parece idêntica ao de Dornan, e meu estômago agita. *Vire-se, Jase.*

Ele vagueia um pouco mais para que a água de voltas em seus tornozelos. —Venha aqui, seu merda, — Eu provoco.

— Meu jeans molha, — diz ele. Eu aperto meu lábio para fora e faço beicinho dramaticamente. Ele ri com isso.

— A água está muuuuito boa, — digo. Ele pega suas chaves e celular do bolso joga na areia apenas fora do alcance da água. Ninguém vai tocá-los. Ele é um Irmão Cigano. Eles praticamente possuem Venice Beach.

Ele caminha na água, até os joelhos. A parte inferior de seu jeans imediatamente encharca com água salgada.

— Além disso, — eu o chamo, chutando para trás.

Ele balança a cabeça e não se move. Nado em direção a ele, com um sorriso diabólico no rosto. — Não... — Ele adverte, mas antes que ele possa terminar a frase, eu puxo os braços, fazendo-o desmaiar na água. Ele volta, rindo e cuspidando, e meu coração se sente um pouco menos pesado.

— Obrigado, — ele diz, com a voz cheia de sarcasmo.





— Bem-vindo, — respondo. — Disse que a água era boa.

Ele apenas balança a cabeça, sorrindo, divertido.

Ele observa o horizonte por um momento antes de falar mais a sério. —Então você é tipo, senhora do meu pai agora?

Eu quase sufoco. — O quê? — Sufocando.

— Meu Pop. Vocês estão, como, juntos?

Meu sorriso completamente desaparece, e pressiono meus pés firmemente na areia debaixo de nós. Mas ele fez uma pergunta interessante. Será que Dornan considera que nós estamos em um relacionamento, não importa o pouco que a gente se conhece, não importando como é descaradamente disfuncional?

— Eu não sei, — digo com sinceridade. Porque eu não sei. A proximidade inesperada com Dornan pareceu ser uma bênção e uma maldição. Eu tenho um acesso sem precedentes a ele, seu clube, e seus filhos, mas, ao mesmo tempo, se eu continuar, vou ter que passar a maior parte do meu tempo com a pessoa que eu odeio mais do que qualquer coisa no mundo inteiro, a pessoa que rasgou toda a minha existência à parte e roubou tudo o que sempre me preocupou.

— Acho que ele está muito apaixonado, — diz Jase, e eu não sei o que eu ouço em sua voz, ciúme? Renúncia?

Dou de ombros. — Eu só acabei de conhecer o homem. Tudo que eu queria era um emprego em seu clube burlesco.

Não queria que ele me desse um suposto título de ex-namorada a um desconhecido inocente e mantivesse uma arma na minha cabeça.

— Meu pai não é o tipo de pessoa que você diga não, — diz ele a sério, olhando para o sol.

— E aqui estamos nós, — respondo.

Ele não fala por alguns momentos, e uso o tempo para nadar em um círculo lento em torno dele.

— Sinto muito por meu irmão, pelas bebidas energéticas, porra, — diz ele finalmente.

— Perdão? — Pergunto, parando o meu peito. Eu flutuo na frente dele, em seguida, coloco meus pés de volta para a areia firme.

— Chad, — diz ele, mastigando o lábio pensativamente. — As pessoas sempre pensam que ele está alto, mas ele não está. Ele bebe as bebidas de guaraná malditas desde o minuto que ele se levanta de manhã. O cara vai ter um ataque cardíaco um dia desses. Tentei dizer a ele, mas...

Eu só posso imaginar como essa conversa apareceu.





— Eu gosto dessas bebidas, — digo, rindo. — Quase tanto quanto gosto de cerveja.

— Não toque nas que estão na geladeira do clube, — diz ele. — Chad mataria você em seu sono. Elas são todas suas aparentemente.

Eu sorrio vagamente, uma ideia torcida começando a se formar na minha mente.

O cara vai ter um ataque cardíaco um dia desses.

Meu sorriso se transforma em um sorriso de merda.

— O quê? — Jase pergunta, sacudindo a água na minha cara.

— Nada, — digo, sacudindo a água de volta. — Estava pensando sobre como nossa cerveja seria boa agora.

Nós arrastamos nossas roupas secas em nossos corpos molhados, e elas se apegam a nossa pele enquanto bebemos cerveja e comemos tacos de peixe na calçada. Fica mais escuro e eu assisto o malabarista de fogo, distraída, pensando sobre os detalhes do meu plano.

Minha mente está correndo, de repente tão rápido que eu mal consigo me concentrar no que Jase está dizendo.

Porque eu acho que eu descobri como eu vou matar Chad.

E vai ser delicioso.

Dezoito

Levou uma semana para organizar meu plano, o tempo todo sendo fodida por Dornan em todas as oportunidades que ele podia encontrar. Ele me fodia no chuveiro, em seu escritório, em sua cama, e sobre uma mesa de bilhar. Agradeço as estrelas que ele não pensou em transar comigo no palco do clube burlesco, porque se o fizesse, acho que eu iria evaporar sob o peso de minhas mentiras e ele certamente acharia que o meu verdadeiro nome era Juliette Portland.

Dez dias depois da minha chegada, eu decretei meu plano. Era uma tranquila tarde de domingo na sede do clube, e Chad estava sozinho na garagem enorme onde todas as motos estão estacionadas. Não há muitas motos aqui hoje - Dornan e mais alguém do clube foram para um passeio, e Chad teve que ficar para trás, pois teve o joelho operado. Posso dizer imediatamente que ele estava chateado por ser deixado, e ele estava mancando em torno furiosamente, batendo as chaves e xingando sua moto





enquanto se senta em seu estande, a maioria de suas peças no chão em pilhas bagunçadas.

Passei dentro e fechei a porta atrás de mim, uma lata aberta de sua bebida favorita de energético na minha mão.

— Ei, Chad, — disse, inclinando a lata como se eu fosse beber. Eu não deixei uma gota do líquido tocar meus lábios, no entanto.

Quero dizer, *eu* não queria morrer.

Chad olha para cima, vestindo um olhar irritado, e as sobrancelhas juntas quando ele me vê.

— Que porra é essa que você quer? — Pergunta ele, batendo mais as ferramentas ao seu redor. Ele olha duas vezes e se levanta de novo, mancando em torno da moto para mim. Ele arrebatou a lata da minha mão e eu finjo surpresa. — Não beba minha porra de bebida, cadela, — diz, batendo a lata no balcão ao lado dele. Espero pacientemente enquanto ele continua a trabalhar na moto.

— Eu não acho que você se importe, — digo, inclinando sobre o balcão ao lado dele, me certificando de que ele tenha uma boa visão do meu decote. É sempre uma grande distração. — Você não deve beber tanto dessas coisas, você sabe. Seu corpo não pode lidar com isso.

Ele bufa e joga sua chave no chão, perdendo a moto. Ele pega a lata e toma um gole gigante, zombando de mim. Bingo.

— Que porra você está sorrindo, cadela? — Pergunta ele, batendo a lata de volta ao meu lado. Quase imediatamente, ele parece confuso, e eu só posso imaginar o quanto seu coração começa a bater rápido. Ele começa a ficar encharcado de suor instantaneamente, e oscila em seus pés.

Dou de ombros, arregalando meus olhos inocentes. — Sente-se bem, Chad? — Pergunto, rindo enquanto ele cai de joelhos. Ele grita como o joelho recém-reconstruído fazendo um pop de carne e um barulho de quebrando, e eu só posso imaginar que a operação foi revertida severamente.

— O que... — Ele levanta, apertando o peito com as duas mãos. Eu me ajoelho na sua frente para que estejamos olho no olho, e acaricio sua cabeça condescendente.

— Não, não, — zombo como se ele fosse um cachorro, — tudo isso vai acabar logo, *Chade*. Você não vai sofrer tanto tempo quanto você me fez sofrer. Isso é lamentável, mas necessário.

Seus olhos em branco por um segundo, e eu vou para trás, não querendo me fixar em seu peso forte quando ele tropeça ao longo de dez segundos.

— Quem é você? — Ele pergunta, segurando o peito.

Eu sorrio com um sentimento lavando de supremo triunfo sobre mim. Me ajoelho na frente dele e me inclino perto de seu ouvido, minha respiração em sua pele a última coisa que ele vai ouvir, sentir.





— Meu nome é Juliette, — sussurro, — e você só está fodido, Chad.

Subo para os meus pés e continuo a ver como ele luta.

— Sua vadia, — ele cospe, seu rosto ficando vermelho. Ele tropeça mais, o ombro batendo no chão com uma paulada sólida.

Leva uma eternidade para ele morrer.

Quando ele está bem e morto, eu sorrio. Porque ele está bem. Parece ainda melhor do que eu pensava que seria.

Um filho da puta para baixo. Seis para ir. Eu limpo as minhas impressões digitais da lata, coloco novamente no banco, e passo sobre o corpo imóvel do Chade. Fazendo meu caminho para fora da garagem com a tenacidade de um gato furtivo, vou para o telhado invisível. Ao longo do caminho, pego uma cerveja na geladeira e bato a tampa contra o banco de madeira para abri-la. Tomo as escadas rapidamente e em silêncio, eu vou ao telhado. Jase está sentado em um pufe que ele desenterrou de algum lugar, vendo o pôr do sol sobre Venice Beach. Eu estou atrás dele, admirando a vista.

— Ei, — ele diz. — Acabei de sair para assistir ao pôr do sol, antes de ir para o trabalho.

Sento-me de pernas cruzadas sobre o enorme pufe ao lado dele, afundando ao seu lado, o meu corpo tão cansado, tão gasto.

— Você ainda me trouxe uma cerveja, — brinca, apontando para minha Corona¹. Sorrio e tomo um gole, segurando na frente dele. — Aqui, — digo. — Eu só queria um gole.

Sua mão acaricia a minha quando ele toma a garrafa de mim, e eu espero um segundo antes de deixar ir. Nossos olhos se encaixam uma preocupação escura aparecendo sobre suas características, como ele, também, deve sentir a faísca que pousa entre nós.

— Samantha, — diz.

Balancei minha cabeça. — Não.

Ele franze a testa e toma um gole de cerveja. — Não o quê?

Eu fico olhando para minhas mãos. — Não diga isso.

Ele respira longo e profundo e deixa em um assobio. — Como você sabe o que eu ia dizer?

Coloquei minha mão para trás por cima dele, nós dois segurando a garrafa. — Eu acabei de fazer, — respondo, apertando sua mão apertada.

Eu penso sobre o quanto eu o amo, o quanto eu sempre o amei, e isso é suficiente para me fazer chorar. Mas eu não faço. Eu não posso.

¹ Marca de cerveja.



Sete Irmãos

Lili St. Germain
Série Gypsy Brothers 01

Eu não terminei ainda.

Ainda há tantas coisas que eu tenho que fazer.

Continua....

Seis irmãos....



Incentive os revisores, comente sobre o livro neste endereço.

<http://talionistw.wordpress.com>

*Todos os arquivos aqui postados são para leitura pessoal.
É proibido postar e/ou anexar nosso conteúdo em outros blogs, fóruns, grupos, redes sociais e afins.
Nosso trabalho é gratuito e não temos nenhum tipo de lucro.*

